

# O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas





# **O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas**

**Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação**

**Lisboa 2016**

## Ficha Técnica

**Título:** O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas

**Propriedade:** Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação

**Diretor:** Joana Mira Godinho

**Autoria:** Sofia Soeiro, Equipa de Monitorização & Avaliação

**Capa, design e paginação:** Press Forum – Comunicação Social, S.A.

**Edição e distribuição:** Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação

**Impressão e acabamento:** Tipografia Lobão

**Tiragem:** 2.500 exemplares

**ISBN:** 978-989-97549-7-3

**Depósito legal:** 413007/16

**Lisboa, Setembro de 2016**

# Índice

<b>Agradecimentos</b>	8
<b>Prefácio</b>	9
<b>Sumário Executivo</b>	10
<b>Executive Summary</b>	11
<b>Introdução</b>	13
<b>Nota Metodológica</b>	15
<b>O perfil dos bolseiros BSE-SOC</b>	16
Sexo e idade	16
Áreas de educação e formação	17
Família, contextos e recursos	18
<i>Residência</i>	18
<i>Agregado familiar</i>	19
<i>Rendimento</i>	20
<i>Escolaridade e situação profissional dos pais</i>	21
<b>Os bolseiros BSE-SOC no contexto da mobilidade Erasmus</b>	26
Evolução do número de bolseiros BSE-SOC	27
Verbas e valor das bolsas	30
Destinos e duração das mobilidades	32
<b>A experiência Erasmus e o impacto da bolsa BSE-SOC</b>	35
Decisão e preparação da mobilidade	35
Recursos financeiros durante a mobilidade	38
Relevância da BSE-SOC	41
Benefícios da mobilidade Erasmus	43
<b>Conclusões</b>	47
<b>Bibliografia</b>	50

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1</b> Estudantes Erasmus e bolseiros BSE-SOC – mobilidades e relatórios analisados .....	15
<b>Tabela 2</b> Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) segundo a residência (%) .....	19
<b>Tabela 3</b> Presença dos pais no agregado familiar e famílias monoparentais entre os bolseiros BSE-SOC e os estudantes Erasmus (%) .....	20

## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) por sexo (%) .....	16
<b>Figura 2</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por grupo etário (%) .....	17
<b>Figura 3</b> Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) por área de educação e formação (%) .....	18
<b>Figura 4</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a residência durante o período letivo (%) .....	19
<b>Figura 5</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por região (%) .....	20
<b>Figura 6</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a composição do agregado familiar (%) .....	21
<b>Figura 7</b> Principais contribuintes para o agregado familiar dos bolseiros BSE-SOC e dos estudantes Erasmus (%) .....	21
<b>Figura 8</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e perceção sobre o rendimento familiar (%) .....	22
<b>Figura 9</b> Escolaridade dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%) .....	23
<b>Figura 10</b> Escolaridade dos pais dos estudantes Erasmus (%) .....	23
<b>Figura 11</b> Condição perante o trabalho dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%) .....	24
<b>Figura 12</b> Condição perante o trabalho dos pais dos estudantes Erasmus (%) .....	24
<b>Figura 13</b> Evolução da taxa de desemprego dos pais dos estudantes BSE-SOC (%) .....	25
<b>Figura 14</b> Evolução da taxa de desemprego dos pais dos estudantes Erasmus (%) .....	25
<b>Figura 15</b> Profissão dos pais dos bolseiros BSE-SOC e dos estudantes Erasmus (%) .....	26
<b>Figura 16</b> Profissão dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%) .....	26
<b>Figura 17</b> Profissão dos pais dos estudantes Erasmus (%) .....	27
<b>Figura 18</b> Estudantes Erasmus no universo dos estudantes do Ensino Superior por ano académico (%) .....	28
<b>Figura 19</b> Bolseiros BSE-SOC no universo dos estudantes Erasmus por ano académico (%) .....	29
<b>Figura 20</b> Bolseiros da Ação Social no Ensino Superior e bolseiros BSE-SOC no Erasmus, por ano académico (%) .....	29
<b>Figura 21</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por tipo de mobilidade (%) .....	30
<b>Figura 22</b> Bolseiros BSE-SOC por ano académico segundo o tipo de mobilidade (%) .....	30
<b>Figura 23</b> Bolseiros BSE-SOC, bolseiros da Ação Social no Ensino Superior e estudantes Erasmus oriundos de instituições públicas (%) .....	31
<b>Figura 24</b> Montantes anuais comprometidos com as bolsas BSE-SOC (euros) .....	31
<b>Figura 25</b> Bolsa média/mês BSE-SOC por ano académico e tipo de mobilidade (euros) .....	32

<b>Figura 26</b> Bolseiros BSE-SOC segundo o país de destino (TOP 10) .....	33
<b>Figura 27</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo o país de destino (%) .....	34
<b>Figura 28</b> Bolseiros BSE-SOC segundo a duração média da mobilidade, por ano académico e tipo de mobilidade (meses) .....	35
<b>Figura 29</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a duração média da mobilidade, por ano académico e tipo de mobilidade (meses) .....	35
<b>Figura 30</b> Bolseiros BSE-SOC e fontes de informação sobre a mobilidade Erasmus (%) .....	37
<b>Figura 31</b> Bolseiros BSE-SOC e fontes de informação na preparação da mobilidade (% “muito importante”) .....	38
<b>Figura 32</b> Bolseiros BSE-SOC e fatores relevantes na decisão de estudar fora de Portugal (% “muito importante”) .....	39
<b>Figura 33</b> Necessidade de fontes de financiamento complementares durante o Erasmus para bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e (%) .....	40
<b>Figura 34</b> Bolseiros BSE-SOC e fontes de financiamento complementares às bolsas BSE-SOC (%) .....	40
<b>Figura 35</b> Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e perceção da situação financeira durante o período Erasmus (%) .....	41
<b>Figura 36</b> Bolseiros BSE-SOC e motivos das dificuldades financeiras durante o período Erasmus (%) .....	41
<b>Figura 37</b> Contributo financeiro da(s) bolsa(s) no período de mobilidade para bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus (%) .....	42
<b>Figura 38</b> Impactos globais da BSE-SOC na mobilidade Erasmus (% “razoáveis ou elevados”) .....	42
<b>Figura 39</b> Dimensões discursivas dos bolseiros sobre o contributo da BSE-SOC .....	43
<b>Figura 40</b> Conhecimento dos critérios de atribuição das bolsas BSE-SOC (%) .....	44
<b>Figura 41</b> Avaliação da experiência Erasmus para os bolseiros BSE-SOC (%) .....	45
<b>Figura 42</b> Avaliação da experiência Erasmus para estudantes Erasmus e bolseiros BSE-SOC (média) .....	45
<b>Figura 43</b> Impacto profissional da experiência Erasmus para os bolseiros BSE-SOC (%) .....	47
<b>Figura 44</b> Recomendação da mobilidade Erasmus e desejo de repetir a mobilidade internacional no futuro (%) .....	47

## **Agradecimentos**

Agradecemos a colaboração dos colegas da ANE+EF que ajudaram a preparar este estudo.

Agradecemos também à Direção-Geral do Ensino Superior pelos comentários que fizeram a uma versão preliminar deste estudo.



## Prefácio

É com enorme satisfação que escrevo umas breves linhas nesta reflexão sobre o “O impacto das Bolsas Suplementares Erasmus na mobilidade de estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas”, uma iniciativa da Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação.

Tendo em vista assegurar que nenhum cidadão português é privado do acesso ao ensino superior por insuficiência económica, tem sido desenvolvida uma política ativa de ação social escolar direta, nomeadamente através da atribuição de bolsas de estudo a estudantes economicamente carenciados.

Para além disso, e por forma a promover a igualdade na frequência do ensino superior, designadamente no que se refere ao acesso a programas de mobilidade a estudantes a quem seja atribuída bolsa de estudo, e que realizem um período de estudos em mobilidade, conservam o direito à perceção da bolsa, durante esse período, bem como de um complemento a essa bolsa, para fazer face aos custos acrescidos de estudar num país diferente.

Assim, parece-me de grande importância o conhecimento do perfil dos estudantes que beneficiam deste complemento, bem como a consciência de como entendem estes estudantes a sua mobilidade e os impactos que a bolsa tem na sua experiência Erasmus, objetos deste estudo, de modo a avaliar a eficácia da medida e a torná-la o mais próximo das expectativas e necessidades dos estudantes.

Destaco, nos resultados, as respostas dos bolseiros sobre o contributo financeiro e o impacto geral da bolsa, que reforçam a ideia de que esta medida confirma a relevância da bolsa suplementar no período de mobilidade dos bolseiros e o seu impacto positivo na qualidade da experiência Erasmus, além de ser também um fator importante nas opções dos estudantes relativamente à definição da sua mobilidade, no que respeita por exemplo à duração, país e entidade de acolhimento.

Termino reforçando a ideia de que a mobilidade Erasmus é uma experiência enriquecedora e única para os estudantes nas componentes pessoal, social e formativa e por isso a possibilidade de todos, sem exceção, poderem usufruir desta experiência é inquestionável.

**João Queiroz**

Diretor-Geral do Ensino Superior

## Sumário Executivo

Este estudo analisa a atribuição de Bolsas Suplementares Erasmus a estudantes do Ensino Superior com comprovadas dificuldades socioeconómicas – Bolsas BSE-SOC – entre os anos académicos de 2009/2010 e 2013/2014. Caracteriza-se os estudantes que beneficiaram de uma bolsa BSE-SOC; compara-se a mobilidade de bolseiros BSE-SOC com a dos restantes estudantes Erasmus; e analisa-se as perceções desses bolseiros sobre a mobilidade Erasmus e os impactos da bolsa BSE-SOC na sua experiência Erasmus.

Nos cinco anos académicos que decorreram entre 2009/2010 e 2013/2014, perto de seis mil estudantes Erasmus (cerca de 18% do total) beneficiaram de uma bolsa BSE-SOC complementar à bolsa de mobilidade Erasmus e à bolsa da Ação Social do Ensino Superior. Em média, esta medida permitiu apoiar mais de mil bolseiros por ano, registando-se um aumento do valor médio da bolsa nos últimos dois anos em análise, por comparação com os primeiros dois anos.

As respostas dos bolseiros sobre o contributo financeiro e o impacto geral da bolsa BSE-SOC confirmam a ideia de que esta medida contribui para assegurar a qualidade geral da mobilidade. Para além de representar, para grande parte dos bolseiros, um complemento financeiro importante para a estadia no estrangeiro, constitui também fator de relevo nas opções dos estudantes relativamente à definição da sua mobilidade Erasmus – duração, país e entidade de acolhimento são variáveis influenciadas pelo acesso a este apoio.

Os dados analisados confirmam a fragilidade dos contextos sociofamiliares dos bolseiros BSE-SOC no quadro da mobilidade Erasmus e do Ensino Superior em Portugal. Os resultados do estudo demonstram a relevância destas bolsas para rebater os efeitos da reprodução social no acesso à mobilidade internacional em contexto europeu e para promover a capacidade dos estudantes de progredir e melhorar as suas qualificações.

Na sequência deste estudo, assim como de outros que tiveram resultados semelhantes, os decisores podem querer considerar:

- i) Continuar a apoiar a mobilidade de estudantes com dificuldades socioeconómicas para mitigar a seleção social na mobilidade internacional e garantir o acesso à mesma a todos os estudantes do Ensino Superior, independentemente do seu contexto socioeconómico;
- ii) Aumentar o apoio orçamental à mobilidade de estudantes oriundos de contextos socioeconómicos desfavorecidos para abranger o maior número possível de estudantes bolseiros da Ação Social;
- iii) Melhorar a eficácia e a operacionalização dos mecanismos existentes para garantir o pagamento atempado das bolsas e o acompanhamento das instituições de Ensino Superior aos bolseiros da Ação Social e potenciais bolseiros BSE-SOC;
- iv) Ampliar e sistematizar a divulgação desta medida, sobretudo no que concerne aos critérios que regulam o acesso a este apoio e aos procedimentos necessários à candidatura, para incentivar a participação de potenciais beneficiários;
- v) Conjugar esta medida de política com outro tipo de apoios financeiros, públicos ou privados, procurando a diversificação das fontes de financiamento das mobilidades através da promoção e divulgação do programa junto de potenciais financiadores – empresas, associações empresariais, autoridades locais e regionais, assim como da própria Comissão Europeia –, permitindo potencializar o acesso dos estudantes do Ensino Superior com dificuldades socioeconómicas à mobilidade internacional.

## Executive Summary

This study analyses the Erasmus Supplementary Grants Program for Higher Education students with proven economic difficulties - BSE-SOC grants - between the academic years 2009/2010 and 2013/2014. The study describes students benefiting from the BSE-SOC grants; compares mobilities of BSE-SOC grant holders with those of other Erasmus mobility grantees; and analyses perceptions of these students about their Erasmus mobility, and the impacts of BSE-SOC grants on their Erasmus experience.

In the five academic years between 2009/2010 and 2013/2014, near 6,000 Erasmus students (about 18% of total) benefited from a BSE-SOC grant, in addition to an Erasmus mobility grant and a Higher Education Social Action Scholarship. On average, the BSE-SOC grant program has supported over 1,000 grantees per year. The average grant increased during the period, being higher in the last two years than in the previous two years.

The responses of the grantees on the role of the financial contribution, and on the overall impact of the BSE-SOC grant, confirm that this grant program contributes to ensure the overall quality of the mobility. In addition to representing an important financial supplement for the stay abroad, for most of the grantees, it is also a major factor in the choices of students regarding the terms of their Erasmus mobility - duration, country and host institution are variables influenced by the access to this additional financial support.

Data analysed confirm the fragility of family and social backgrounds of BSE-SOC grantees in the context of Erasmus mobility and Higher Education in Portugal. The study results reflect the relevance of these grants to overcome the effects of social reproduction in access to international mobility within the European context, and to promote the ability of students to progress and improve their qualifications.

As a result of this study and other similar evidence, policy-makers may want to consider to:

- i) Continue supporting the mobility of students with socio-economic difficulties, aiming at mitigating social selection and ensuring access to international mobility for all higher education students, irrespective of socio-economic background.
- ii) Increase budget support for the international mobility of students of poorer socio-economic background, aiming at covering the largest possible number of Social Action scholarship students.
- iii) Improve the effectiveness and implementation of existing mechanisms, to ensure the timely payment of grants, and the support of higher education institutions to Social Action and BSE-SOC grantees.
- iv) Expand and systematize the dissemination of information about this grant program, especially about the criteria of access and the application process, aiming at increasing the motivation of potential beneficiaries to apply for this financial support.
- vi) Seek other types of public or private financial support, aiming at diversifying sources of funding through the promotion and dissemination of the programme to potential funders - including enterprises, business associations, local and regional authorities, as well as the European Commission – to increase access of Higher Education students with socio-economic difficulties to international mobility.



## Introdução

No contexto do Quadro Estratégico “Educação e Formação 2020” e da Estratégia Europa 2020, procura-se atingir, entre outros, o objetivo de que, até 2020, pelo menos 20% dos jovens licenciados entre os 18-34 anos tenham beneficiado de um período de mobilidade no estrangeiro. No quadro da internacionalização do Ensino Superior, a mobilidade tem um impacto relevante na qualificação dos recursos humanos e na sua capacitação e adequação a um mercado de trabalho cada vez mais global e competitivo<sup>1</sup>, assumindo um papel fundamental no crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da estratégia europeia.

O Programa Erasmus, subprograma do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV 2007-2013), e do novo Programa Erasmus+ (2014-2020), tem vindo desde 1987 a promover a mobilidade de estudantes e de pessoal docente e não docente do Ensino Superior. Anualmente, cerca de seis mil estudantes portugueses do Ensino Superior fizeram, durante a vigência do PALV, um período de mobilidade Erasmus, correspondendo a aproximadamente 2% do universo de estudantes do Ensino Superior em Portugal. O número de estudantes do Ensino Superior que todos os anos se juntam à “família Erasmus” exprime o reconhecimento deste programa junto da população estudantil como uma componente fundamental no seu percurso académico, mas também, e cada vez mais, como uma experiência pessoal em contexto internacional cujos benefícios vão muito além da mera componente formal.

O aumento do número de estudantes em mobilidade, sobretudo a partir do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, tornou evidente a necessidade de alargamento dos apoios concedidos para que um maior número de estudantes tivesse a possibilidade de fazer um período de estudos ou de estágio no estrangeiro e para que a “Experiência Erasmus” pudesse fazer parte do percurso de mais jovens, independentemente da sua situação socioeconómica.

Apesar da abertura progressiva do sistema de ensino, os diferentes estudos e estatísticas nacionais e europeus sobre os padrões da mobilidade estudantil internacional<sup>2</sup> continuam a indicar desigualdades sociais no recrutamento dos estudantes do Ensino Superior e, entre estes, dos que fazem mobilidade internacional. Para além dos recursos financeiros, dados sobre o rácio de habilitações paternas dos estudantes inscritos em mobilidade internacional indicam que os estudantes com pais com educação superior são mais do dobro dos estudantes com pais com baixas qualificações escolares<sup>3</sup>.

É neste quadro que, visando dar resposta à crescente participação dos estudantes portugueses na mobilidade Erasmus, mas sobretudo assegurando a qualidade das experiências de mobilidade e a promoção da igualdade de oportunidades no acesso ao Programa, a Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) e a Agência Nacional para a Gestão do Programa Aprendizagem ao Longo da Vida asseguraram, entre 2009/2010 e 2013/2014, a atribuição de Bolsas Suplementares Erasmus a estudantes do Ensino Superior com comprovadas dificuldades socioeconómicas – Bolsas BSE-SOC.

A condição de bolseiro BSE-SOC depende da atribuição cumulativa de bolsas Erasmus pelas respetivas Instituições de Ensino Superior (IES) e de bolsas de Ação Social, ao abrigo do regulamento da atribuição de bolsas de estudo a estudantes do Ensino Superior<sup>4</sup>. De acordo com o Despacho que criou a medida: “Para os estudantes do Ensino Superior a quem tenha sido atribuída bolsa Erasmus e que sejam bolseiros da Ação Social, a Agência Nacional para a Gestão do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida assegurará uma bolsa suplementar de montante não inferior a 50 % do valor da bolsa mínima Erasmus.”

1 Brandenburg et al 2014.

2 Grabher et al 2014.

3 Eurostudent IV Database 2008-2011.

4 Despacho n.º 17706/2009 de 24 de Julho.

No âmbito desta medida, financiada pelo Estado Português, foram atribuídas, nos cinco anos em apreço, 5.717 bolsas BSE-SOC, abrangendo aproximadamente 18% do universo de estudantes Erasmus portugueses nesse período. Sem este apoio, a mobilidade internacional destes estudantes seria certamente mais difícil do ponto de vista da sua estabilidade financeira.

O relevo e a visibilidade conquistados pelo Erasmus ao longo dos anos, nomeadamente no quadro da internacionalização das IES e da empregabilidade estudantil, reforçam a relevância desta medida nacional, que constitui uma boa prática reconhecida ao nível europeu. Como balanço do primeiro período de execução das BSE-SOC, importa conhecer e avaliar os resultados do trabalho conjunto da Agência Nacional e da DGES, de forma a aferir o seu impacto, a sua relevância e a sua sustentabilidade ao abrigo do novo Programa Erasmus+.

## Nota Metodológica

Os dados deste relatório reportam-se ao período entre 2009/2010 e 2013/2014 e têm como fontes as listas de atribuição de bolsas BSE-SOC, os relatórios finais das IES e os relatórios individuais dos estudantes que beneficiaram de uma bolsa BSE-SOC.

A primeira e a última parte do estudo baseiam-se nos relatórios individuais dos estudantes, que avaliam a sua experiência de mobilidade e o contributo da bolsa BSE-SOC. A análise da execução das mobilidades e a caracterização do perfil dos bolseiros, que consubstancia a segunda parte deste relatório, baseia-se em fontes institucionais: listas de atribuição de bolsas BSE-SOC e relatórios finais das IES.

O sistema de reporte das mobilidades Erasmus, inicialmente a cargo da Agência Nacional, passou a ser centralizado numa plataforma da responsabilidade da Comissão Europeia, cujo novo modelo de relatório originou uma interrupção de série que afetou o último ano analisado (2013/2014). Por outro lado, o número de relatórios finais passíveis de serem identificados como pertencendo a mobilidades BSE-SOC estava dependente da identificação dos estudantes como bolseiros, o que nem sempre ocorreu. Estes fatores traduzem-se num número de relatórios analisados consideravelmente inferior ao número total do universo de bolseiros BSE-SOC (Tabela 1).

**Tabela 1** Estudantes Erasmus e bolseiros BSE-SOC – mobilidades e relatórios analisados

2009/2010 – 2013/2014	Nº Mobilidades	Relatórios Finais de Estudantes	
		Nº	%
<b>Estudantes Erasmus</b>	31.833	24.290	76,3
<b>Estudantes BSE-SOC</b>	5.717	3.245	56,8

Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717); Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## O perfil dos bolseiros BSE-SOC

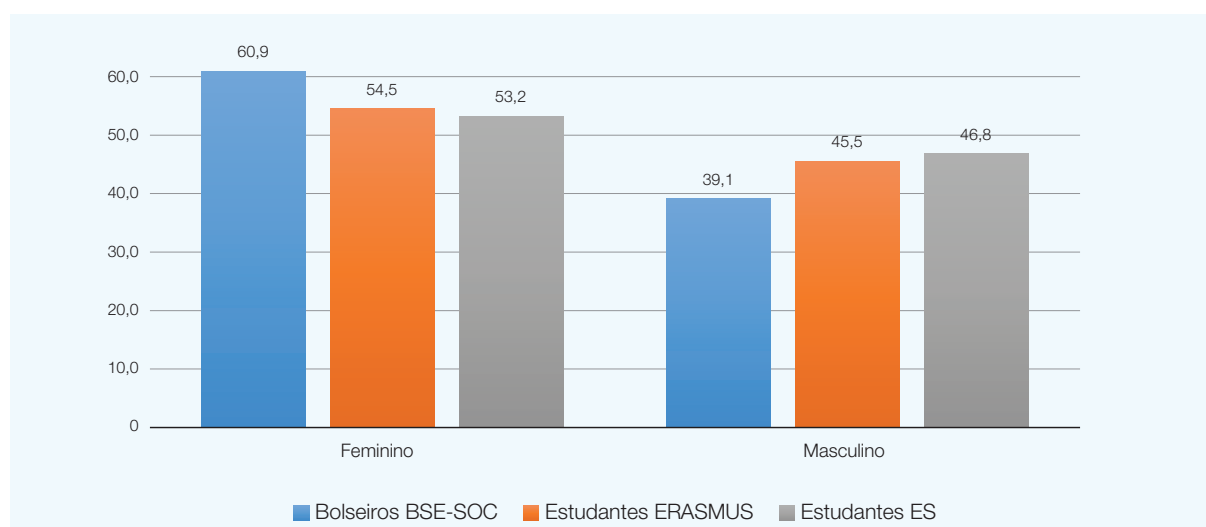
Os bolseiros BSE-SOC são maioritariamente do sexo feminino, têm entre 18 e 24 anos e frequentam cursos de ciências sociais, comércio e direito; saúde e proteção social; e engenharias, indústrias transformadoras e construção. São principalmente oriundos das regiões Norte e Centro e vivem em residência familiar, com os pais e os irmãos.

Durante o período letivo, cerca de dois terços dos bolseiros vivem fora da área de residência habitual. As mães são as principais contribuintes para o agregado familiar dos bolseiros, têm o ensino secundário ou o 3º ciclo do ensino básico e possuem níveis de escolaridade superiores aos dos pais. Pais e mães são maioritariamente trabalhadores por conta de outrem e exercem a sua profissão nos setores administrativo, operário ou dos serviços. O desemprego afeta mais de 10% dos pais dos bolseiros, valor que subiu, em termos relativos, no período analisado. As perceções dos bolseiros sobre o rendimento familiar dividem-se entre os que o consideram abaixo da média nacional e os que o consideram de acordo com a média nacional. Os dados analisados neste capítulo confirmam a especificidade e maior fragilidade dos contextos sociofamiliares dos bolseiros BSE-SOC no quadro da mobilidade Erasmus e do Ensino Superior em Portugal.

## Sexo e idade

O perfil do bolseiro BSE-SOC acompanha, de forma geral, as características da população de estudantes do Ensino Superior (ES) em Portugal. Na análise da distribuição por sexo predominam as estudantes do sexo feminino, com um peso de 61%, superior aos 55% e 53% registados, respetivamente, para a totalidade dos estudantes Erasmus e dos estudantes do Ensino Superior <sup>5</sup> (Figura 1). A média etária dos bolseiros BSE-SOC é de 23 anos. A grande maioria (aproximadamente 85%) situa-se no escalão etário dos 18-24 anos e cerca de 12,5% no escalão dos 25-29 anos, distribuição muito próxima da registada para o universo Erasmus (Figura 2).

**Figura 1** Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) por sexo (%)

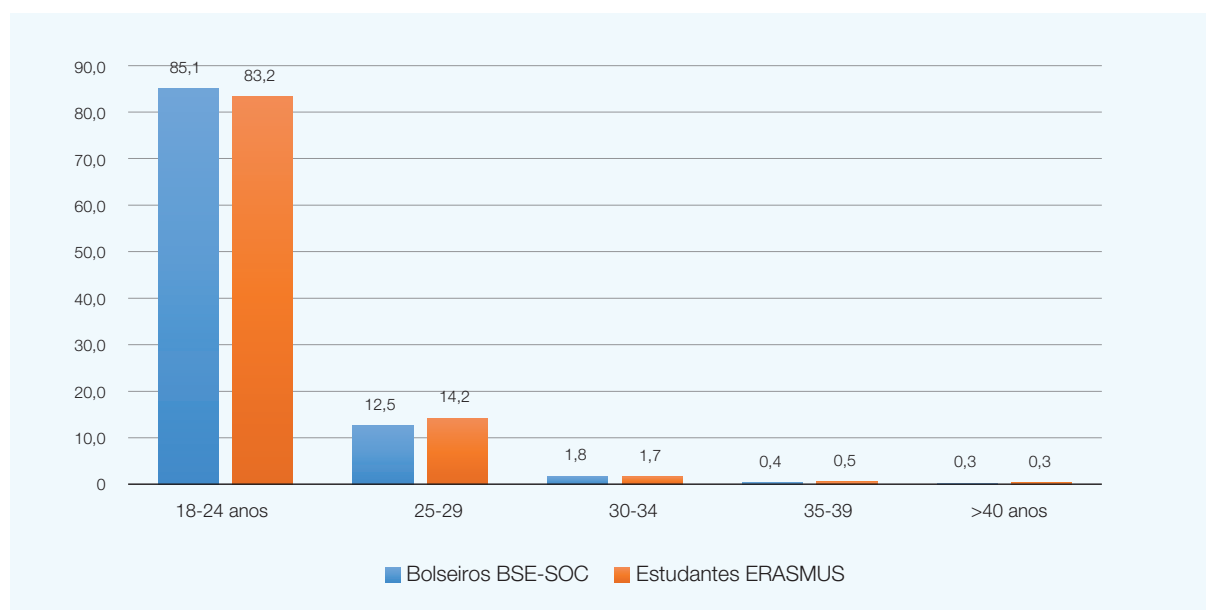


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245); DGEEC/MEC - DIMAS/RAIDES, PORDATA, última atualização: 2015-06-26.

5 Alunos matriculados no Ensino Superior: total e por sexo, Fontes de Dados: DGEEC/MEC - DIMAS/RAIDES, Fonte: PORDATA, última atualização: 2015-06-26



**Figura 2** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por grupo etário (%)



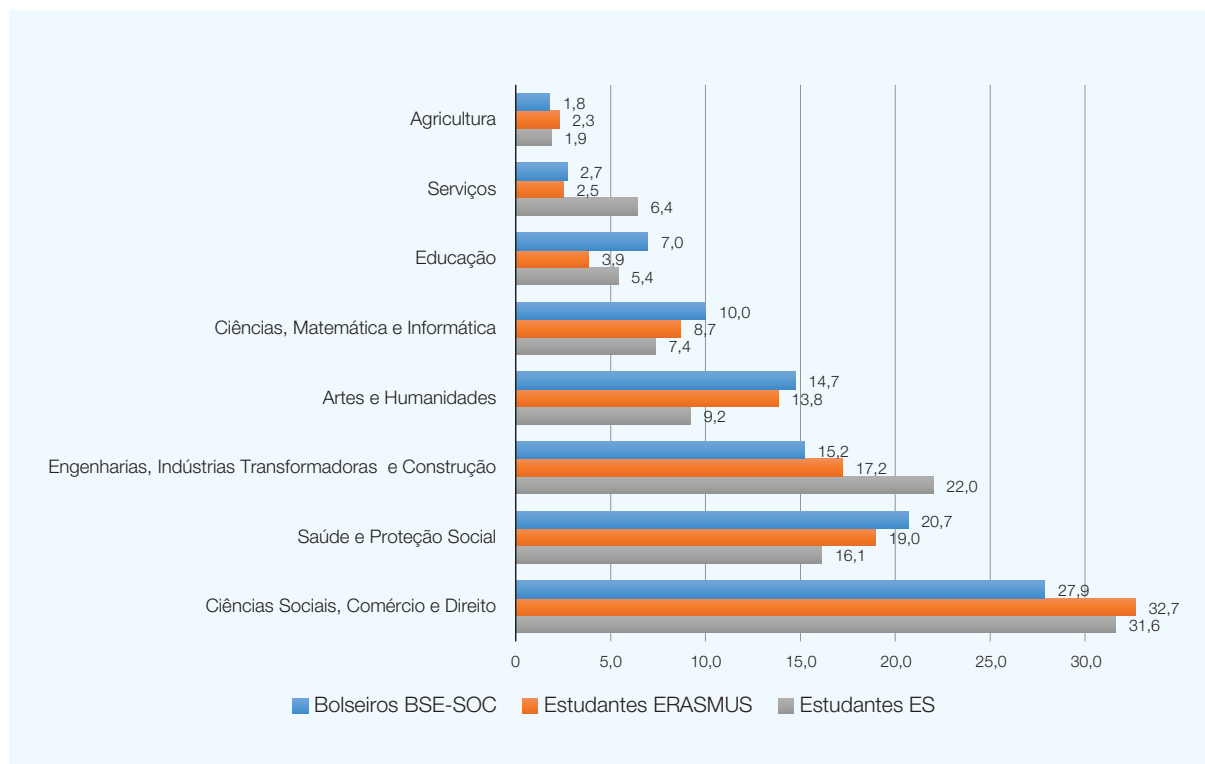
Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Áreas de Educação e Formação

As áreas de educação e formação dos bolseiros BSE-SOC também seguem, em geral, o padrão observado no universo dos estudantes Erasmus e do Ensino Superior, privilegiando: as ciências sociais, comércio e direito (28%); a saúde e proteção social (21%); e as engenharias, indústrias transformadoras e construção (15%)<sup>6</sup>. No entanto, verifica-se que as áreas da saúde e proteção social, das artes e humanidades, das ciências, matemática e informática, e da educação têm maior peso no universo dos bolseiros BSE-SOC, do que no universo dos estudantes Erasmus e do Ensino Superior (Figura 3).

6 Alunos matriculados no Ensino Superior: total e por área de educação e formação, Fontes de Dados: DGEEC/MEC - DIMAS/RAIDES, Fonte: PORDATA, última atualização: 2015-06-26.

**Figura 3** Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) por área de educação e formação (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245); DGEEC/MEC - DIMAS/RAIDES, PORDATA, última atualização: 2015-06-26

## Família, contextos e recursos

### Residência

A maioria dos bolseiros BSE-SOC são deslocados (Tabela 2): durante o período letivo, enquanto estudantes do Ensino Superior, vivem fora da área de residência do agregado familiar de origem (60%, mais 14% relativamente ao universo Erasmus), mas em residência familiar (46%), com os pais ou outros familiares (Figura 4), cruzamento que sugere a residência com outros familiares que não os pais. Seguem-se os que vivem em quarto individual alugado (20%), em residência para estudantes (19%) ou em casa/apartamento alugado (10%). Os bolseiros que residem em residências para estudantes durante o período letivo representam quase o quádruplo dos estudantes Erasmus e do Ensino Superior para o mesmo tipo de alojamento (cerca de 5% em ambos os casos)<sup>7</sup>, um indicador que deverá estar associado ao acesso prioritário às residências para estudantes que é concedido aos bolseiros da Ação Social e aos bolseiros BSE-SOC.

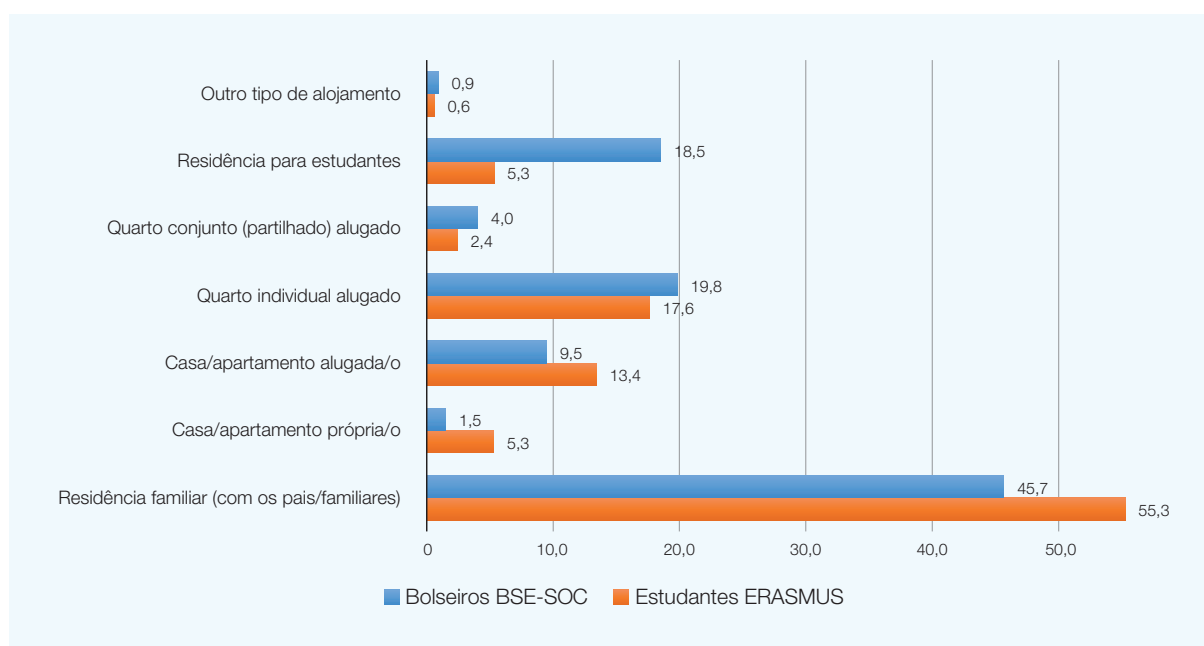
<sup>7</sup> Fonte: Social and Economic Conditions of Student Life in Europe, National Profile of Portugal, Eurostudent IV, disponível em <https://eurostudent.his.de/eiv/report/index.jsp?x=30&y=24>

**Tabela 2** Bolseiros BSE-SOC, estudantes Erasmus e estudantes do Ensino Superior (ES) segundo a residência (%)

Residência durante o período letivo (%)	BSE-SOC	Erasmus	Ensino Superior
Com os pais	45,7%	55,3%	46,0%
Residência para estudantes	18,5%	5,3%	5,0%
Estudantes deslocados (vivem fora da área de residência do agregado familiar de origem)	60,2%	46,6%	n.d.

Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245); EUROSTUDENT IV Database<sup>8</sup>

**Figura 4** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a residência durante o período letivo (%)

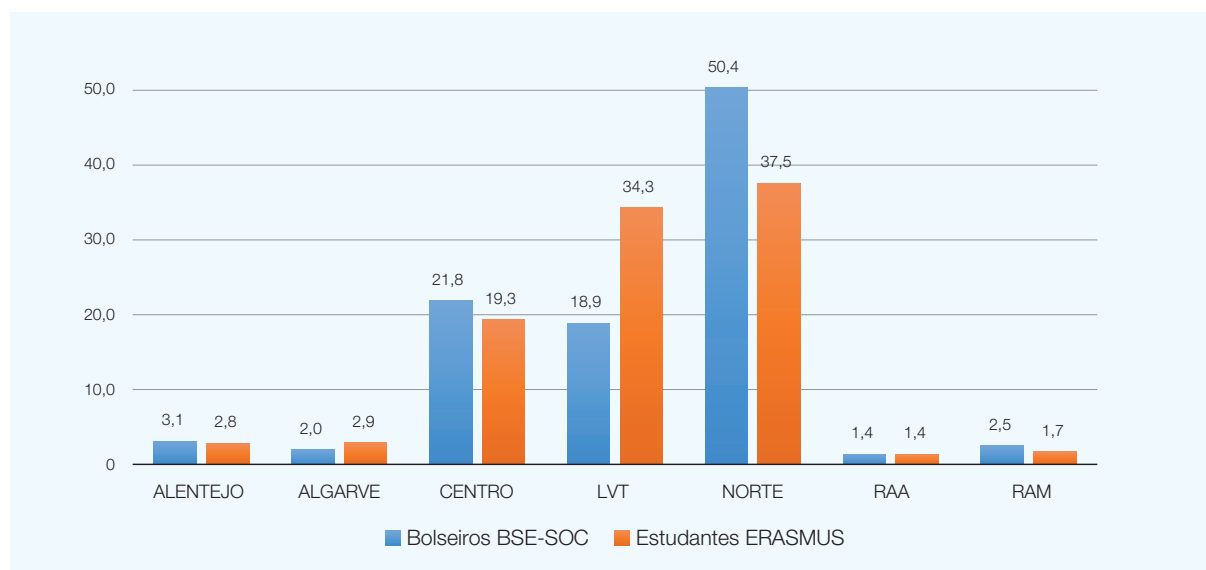


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

Afastando-se ligeiramente do padrão de distribuição dos estudantes Erasmus por região de origem (i.e. residência anterior à entrada na universidade), os bolseiros BSE-SOC são predominantemente oriundos do Norte (50%), seguindo-se a região Centro (22%) e só depois Lisboa e Vale do Tejo (19%). É nas regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo que se verificam diferenças mais significativas entre bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus. A clara relevância da origem nortenha, no caso dos bolseiros, é substituída por um equilíbrio entre as duas regiões no universo Erasmus (Figura 5).

8 Eurostudent Iv Database (2008-2011), <https://Eurostudent.His.De/Eiv/Report/Index.Jsp?X=30&Y=24>

**Figura 5** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por região (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Agregado familiar

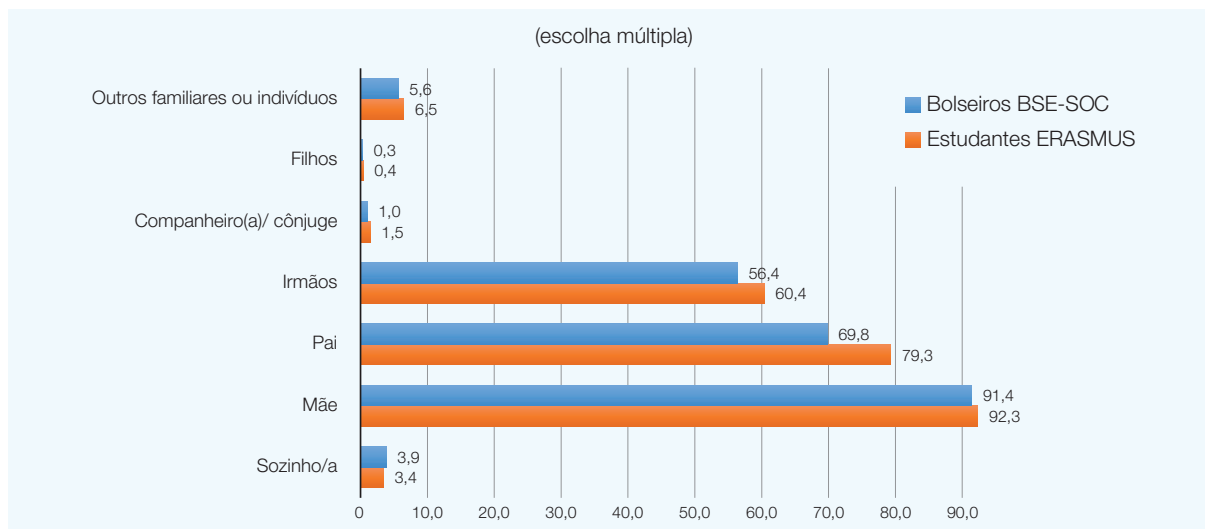
As famílias monoparentais são mais frequentes entre os bolseiros BSE-SOC do que entre todos os estudantes Erasmus. A Tabela 3 mostra que, fora do período de mobilidade, aproximadamente 27% do total dos bolseiros BSE-SOC vivem só com o pai ou só com a mãe, enquanto que apenas 18% dos estudantes Erasmus vivem em famílias monoparentais. Mais de 90% dos estudantes das duas populações assinalam a presença da mãe, enquanto o pai está presente em cerca de 79% dos agregados dos estudantes Erasmus e em cerca de 70% dos agregados dos bolseiros BSE-SOC. Mais de metade dos estudantes Erasmus e dos bolseiros BSE-SOC vivem com irmãos (Figura 6).

**Tabela 3** Presença dos pais no agregado familiar e famílias monoparentais entre os bolseiros BSE-SOC e os estudantes Erasmus (%)

Presença do pai e da mãe no agregado familiar (%)	BSE-SOC	Total Erasmus
Vivem com o Pai e com a Mãe	67,1%	76,8%
Vivem só com a Mãe	24,3%	15,5%
Vivem só com o Pai	2,6%	2,5%
Não vivem nem com a Mãe, nem com o Pai	6,0%	5,2%
Famílias monoparentais	26,9%	18,0%

Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 6** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a composição do agregado familiar (% vive com)

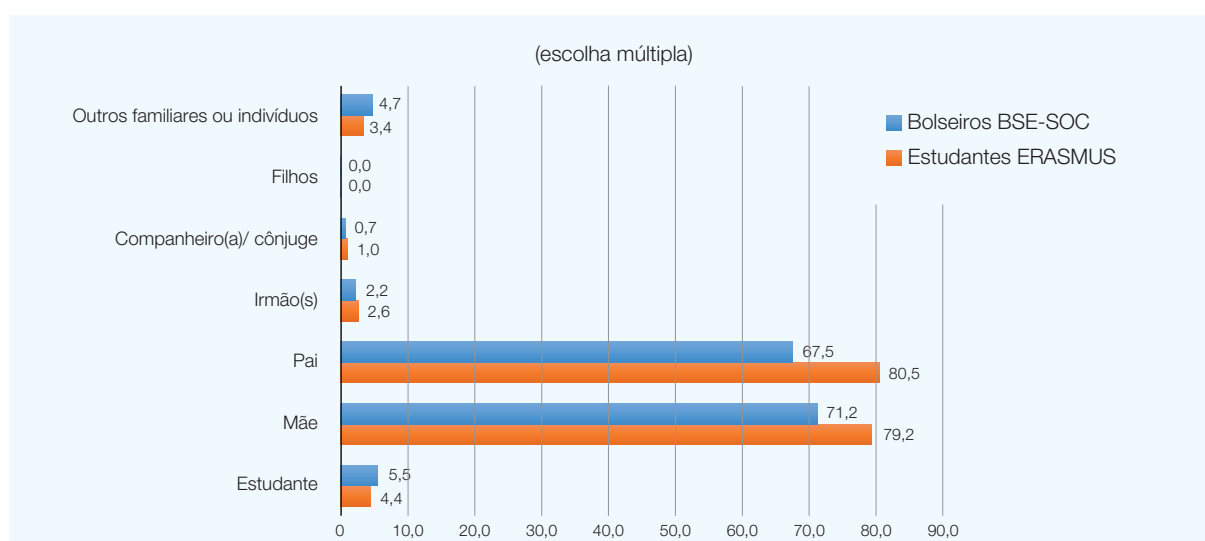


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Rendimento

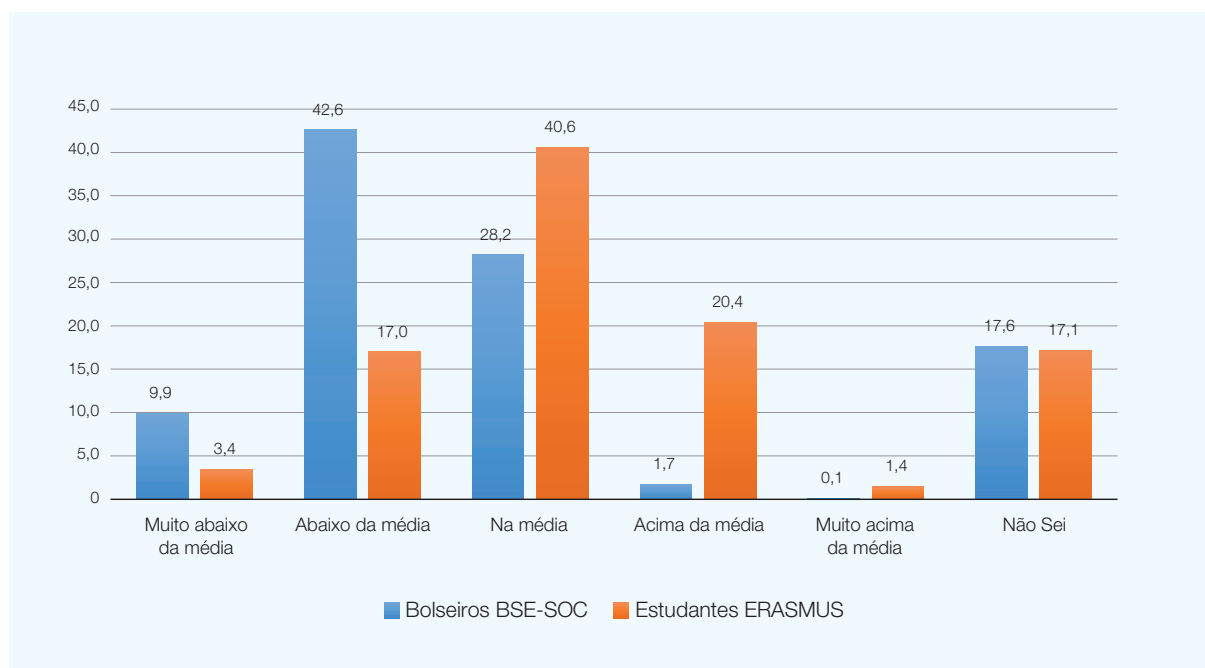
A mãe contribui para o rendimento do agregado familiar de aproximadamente 71% dos bolseiros BSE-SOC e de 79% do total de estudantes Erasmus. No que diz respeito à contribuição do pai para o rendimento do agregado, a diferença entre o universo de bolseiros BSE-SOC (quase 68%) e o universo Erasmus (quase 81%) é ainda maior do que no caso da mãe (Figura 7). Mais de 40% dos bolseiros BSE-SOC consideram que o rendimento familiar está abaixo da média nacional, enquanto mais de 40% dos estudantes Erasmus consideram que o rendimento familiar se situa na média nacional. Apesar da componente subjetiva desta pergunta, não deixam de ser relevantes as diferenças entre as respostas dos estudantes Erasmus e dos bolseiros BSE-SOC (Figura 8).

**Figura 7** Principais contribuintes para o agregado familiar dos bolseiros BSE-SOC e dos estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 8** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e perceção sobre o rendimento familiar (%)



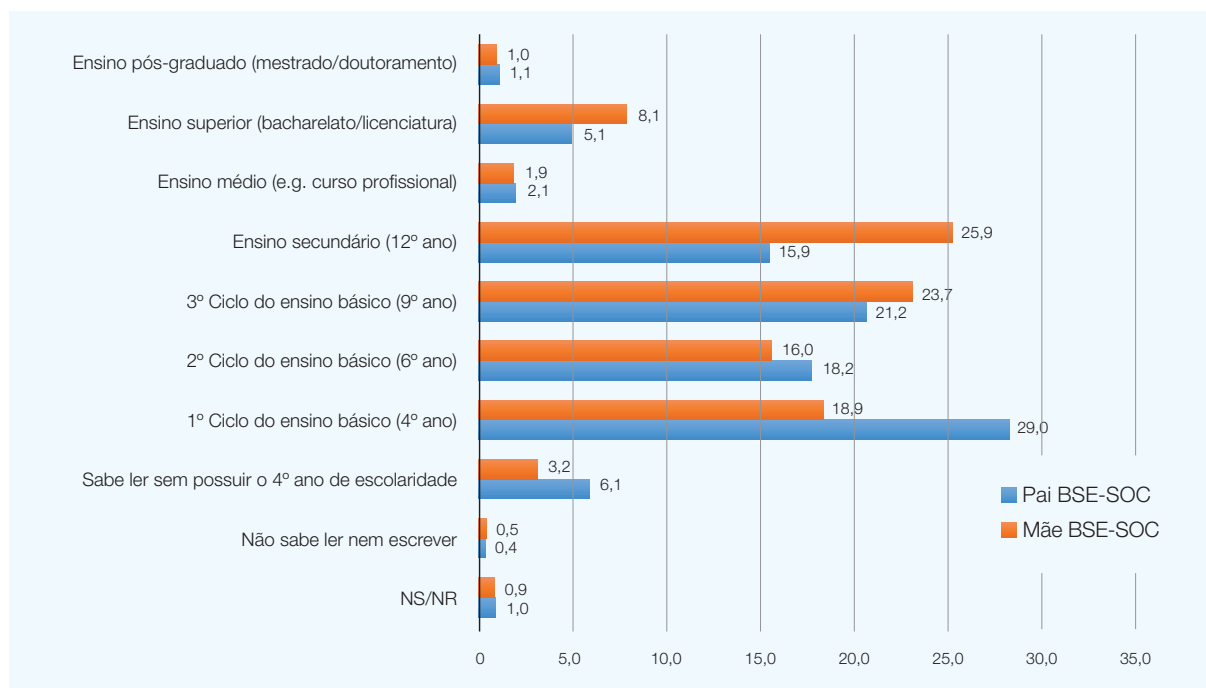
Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Escolaridade e situação profissional dos pais

Há diferenças significativas entre o universo dos estudantes Erasmus e dos bolseiros BSE-SOC em termos da escolaridade e da situação profissional dos pais. Se nos primeiros predominam, em termos globais, níveis de escolaridade mais elevados e profissões mais qualificadas, nos segundos predominam níveis intermédios e inferiores de habilitações escolares, bem como uma maior representação de categorias profissionais menos qualificadas. A taxa de desemprego entre os pais dos bolseiros BSE-SOC não só é mais elevada como aumentou mais no período em análise, por comparação com o universo Erasmus.

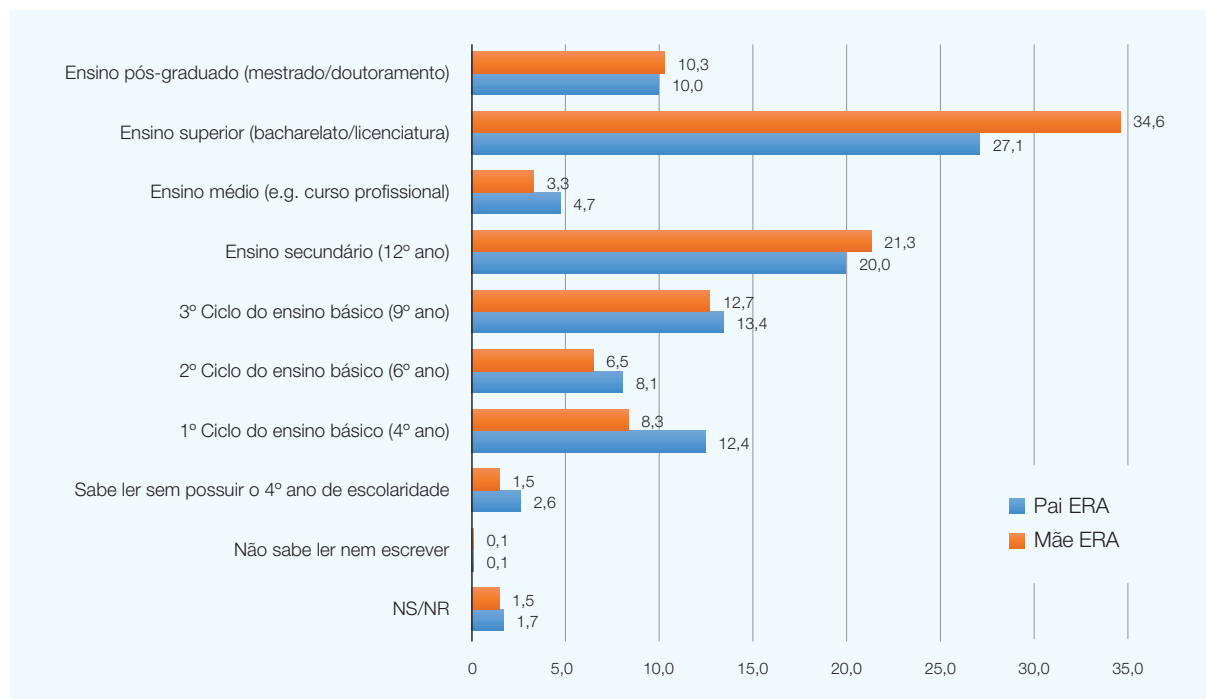
Cerca de metade dos bolseiros BSE-SOC refere que a mãe possui o ensino secundário ou o 3º ciclo do ensino básico, sendo apenas 8% as que possuem habilitações de nível superior e um número residual formação pós-graduada (mestrado ou doutoramento). No universo Erasmus, cerca de 45% das mães situam-se nos dois escalões mais elevados de habilitações, totalizando 66% as que possuem escolaridade igual ou superior ao 12º ano. Em ambas as populações em análise, a escolaridade do pai é menos elevada por comparação com a escolaridade da mãe. Entre os pais dos bolseiros BSE-SOC verificam-se percentagens superiores nos primeiros escalões de habilitações, entre os quais se destaca o 1º ciclo do ensino básico (29%); entre os pais dos estudantes Erasmus verificam-se maiores percentagens nos escalões intermédios e superiores, entre os quais se destaca o bacharelato/licenciatura (27%) (Figuras 9 e 10).

**Figura 9** Escolaridade dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

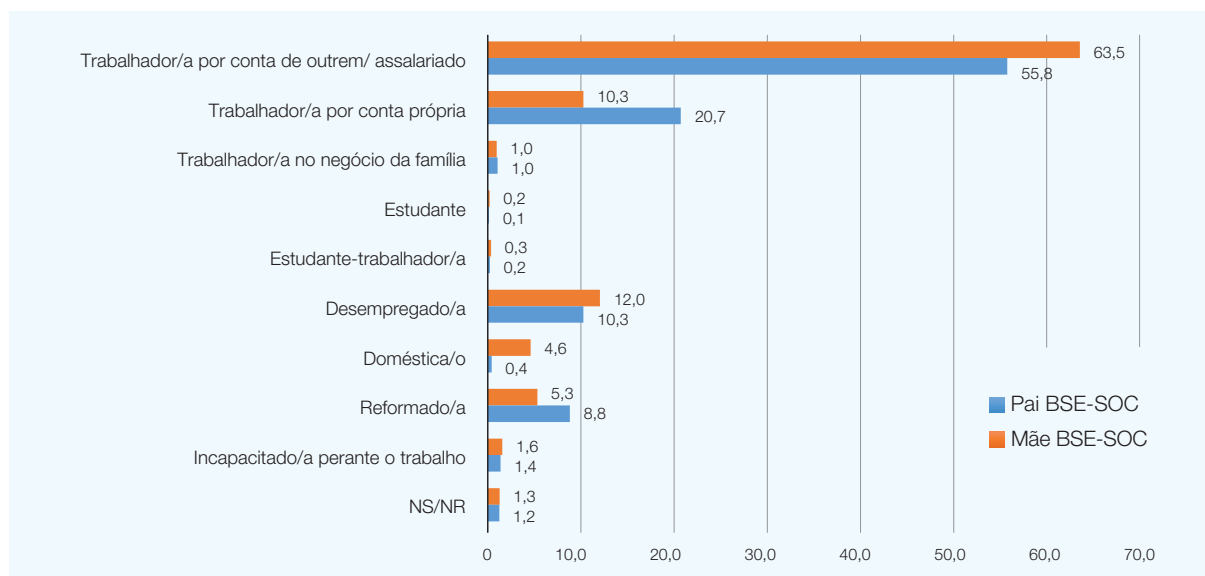
**Figura 10** Escolaridade dos pais dos estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

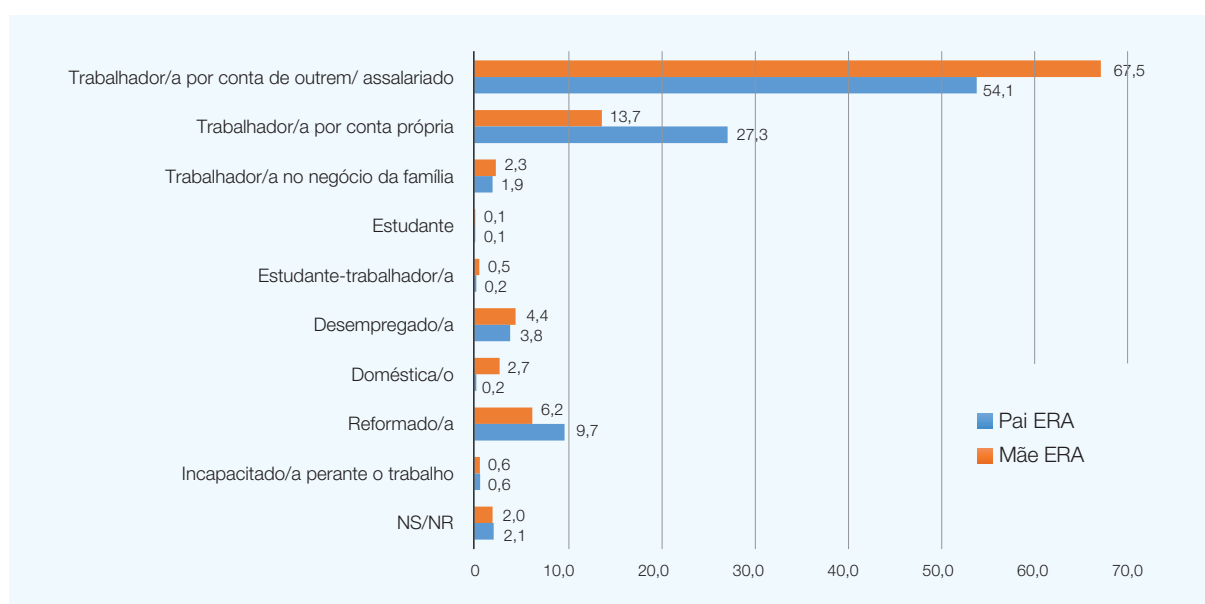
Ambos os pais dos bolseiros BSE-SOC são maioritariamente trabalhadores por conta de outrem (mãe – 64%, pai – 56%), seguindo-se os trabalhadores por conta própria (mãe – 10%, pai 21%). A taxa de desemprego é mais severa entre os pais dos bolseiros BSE-SOC do que entre os Erasmus, atingindo 12% das mães e 10% dos pais dos bolseiros, valores muito superiores aos cerca de 4% registados no universo dos estudantes Erasmus (Figuras 11 e 12). Esta percentagem não só é mais alta, como aumentou mais entre os pais dos estudantes BSE-SOC no período de 2009/2010 a 2013/2014 (Figuras 13 e 14), o que confirma a maior fragilidade social das famílias dos BSE-SOC.

**Figura 11** Condição perante o trabalho dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

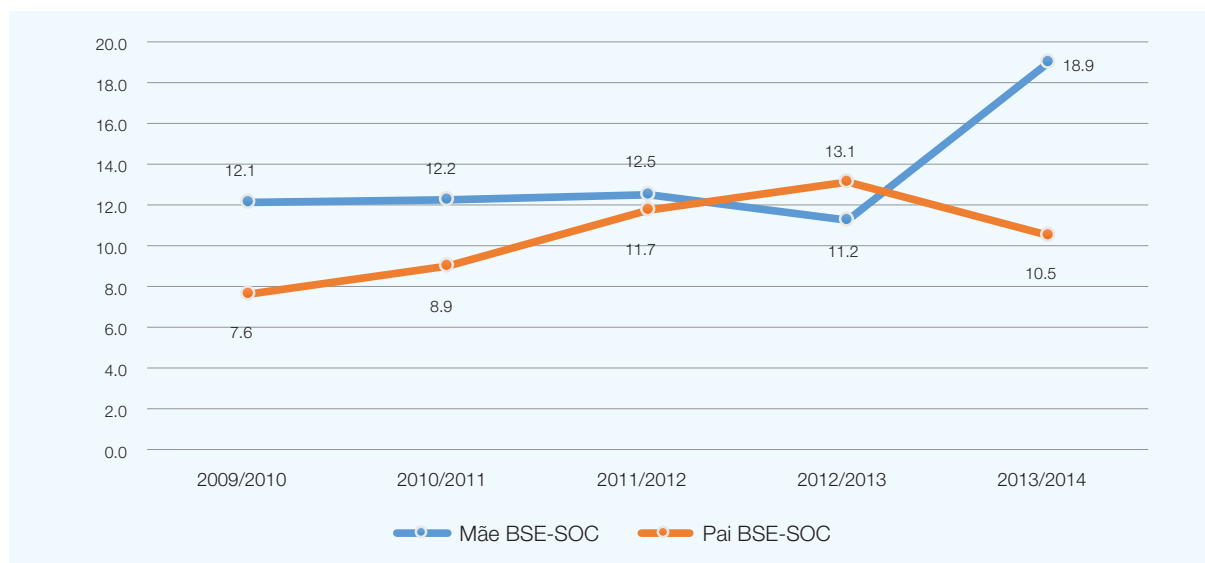
**Figura 12** Condição perante o trabalho dos pais dos estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

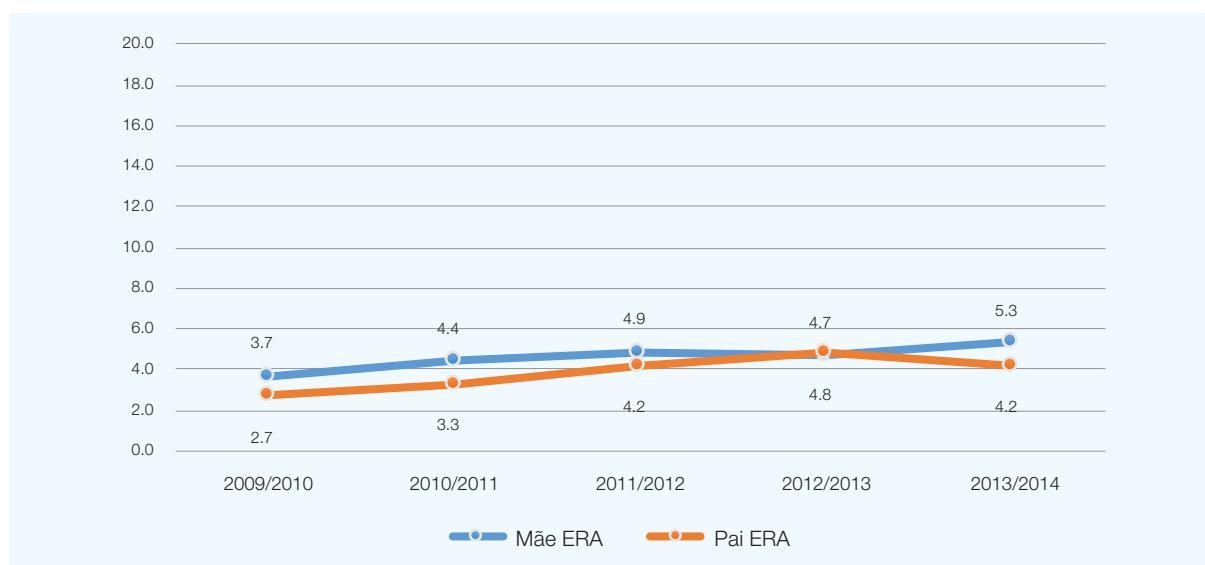


**Figura 13** Evolução da taxa de desemprego dos pais dos estudantes BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

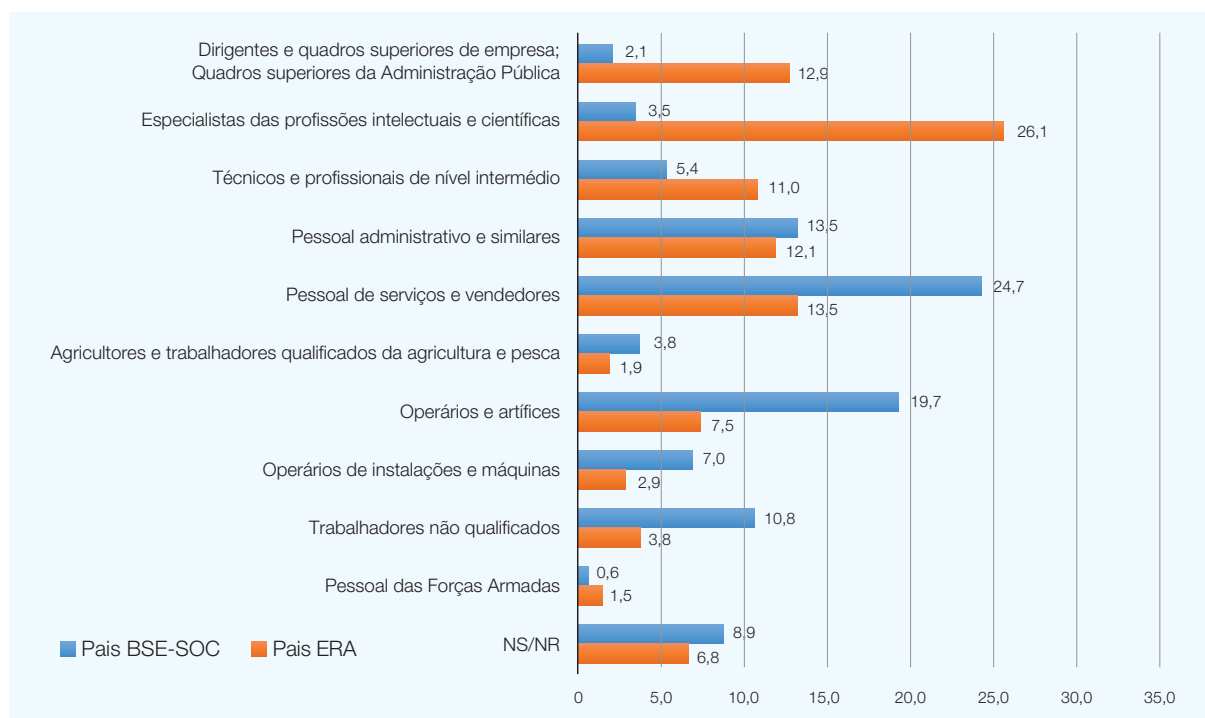
**Figura 14** Evolução da taxa de desemprego dos pais dos estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

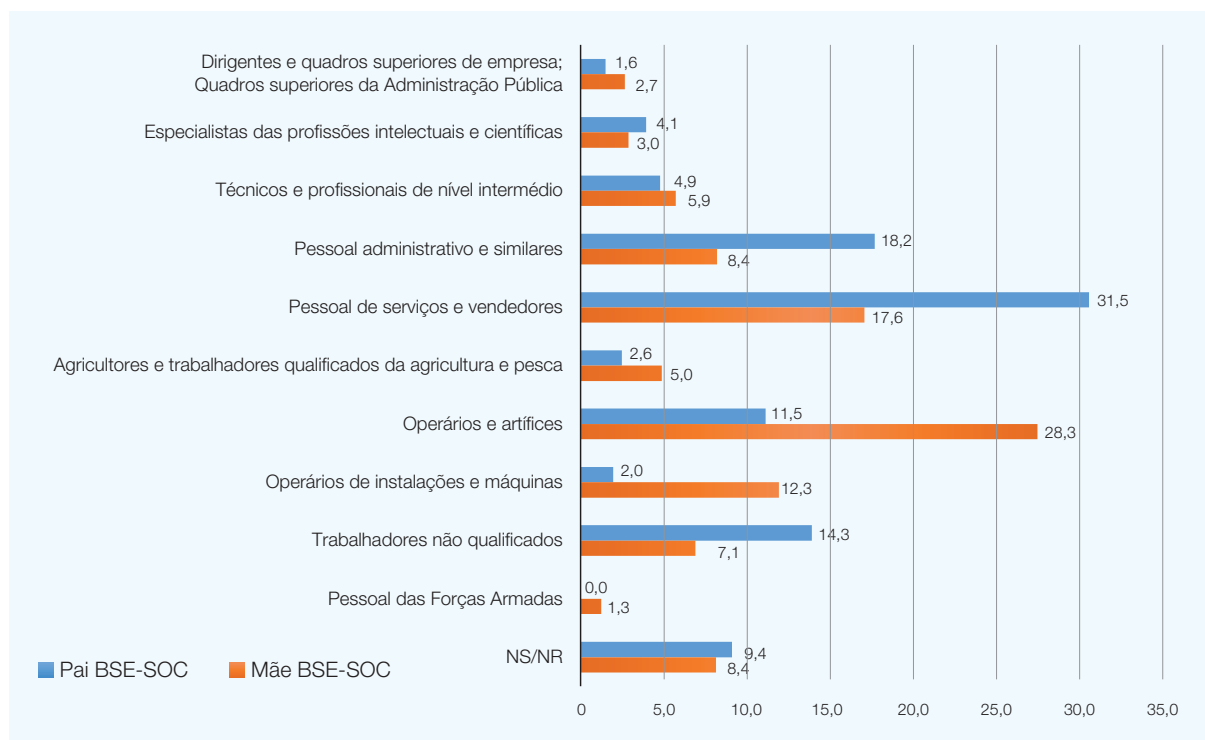
Os pais dos bolseiros BSE-SOC concentram-se maioritariamente nas categorias profissionais de nível intermédio e operariado, sendo particularmente expressiva a presença de pessoal dos serviços e vendedores (25%), de operários e artífices (20%), de pessoal administrativo (14%), mas também de trabalhadores não qualificados (11%). Nas profissões técnicas, especializadas ou altamente qualificadas – entre as quais se inscrevem os dirigentes e quadros superiores e os especialistas das profissões intelectuais e científicas – encontram-se apenas cerca de 6% dos pais e mães dos bolseiros BSE-SOC, enquanto no universo Erasmus estas categorias abrangem quase 40% dos pais e das mães dos estudantes (Figuras 15, 16 e 17).

**Figura 15** Profissão dos pais dos bolseiros BSE-SOC e dos estudantes Erasmus (%)



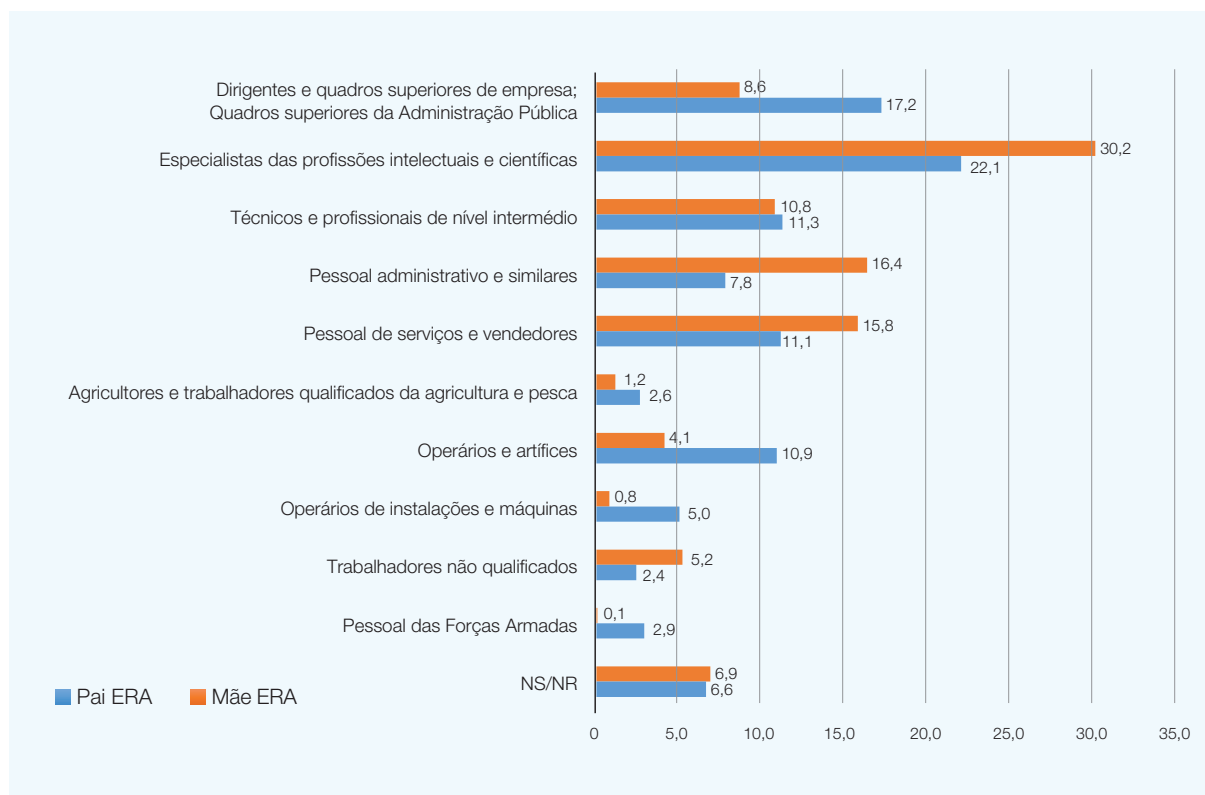
Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 16** Profissão dos pais dos bolseiros BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 17** Profissão dos pais dos estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Os bolseiros BSE-SOC no contexto da mobilidade Erasmus

No período analisado, um em cada seis estudantes Erasmus foi beneficiário de uma bolsa BSE-SOC. A atribuição desta bolsa suplementar representou um investimento total de cerca de 4 milhões euros. A bolsa média mensal foi de 142€ e aumentou significativamente nos dois últimos anos em análise, refletindo-se no crescimento dos montantes anuais envolvidos.

Acompanhando as características do universo dos estudantes Erasmus, os bolseiros BSE-SOC realizam sobretudo mobilidade para estudos (SMS) e são maioritariamente oriundos de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas. As escolhas dos bolseiros quanto aos destinos das mobilidades são semelhantes às da generalidade dos estudantes Erasmus, pelo que Espanha, Polónia e Itália encontram-se entre os países preferenciais. O custo de vida tem, no entanto, uma maior influência na escolha dos países de destino pelos bolseiros do que pelos estudantes Erasmus em geral. Razões de ordem económica estarão também associadas à menor duração da mobilidade dos bolseiros BSE-SOC, que, em média, permanecem 4,9 meses no estrangeiro em estudos ou estágios Erasmus, enquanto os estudantes Erasmus têm uma mobilidade média de 5,3 meses.

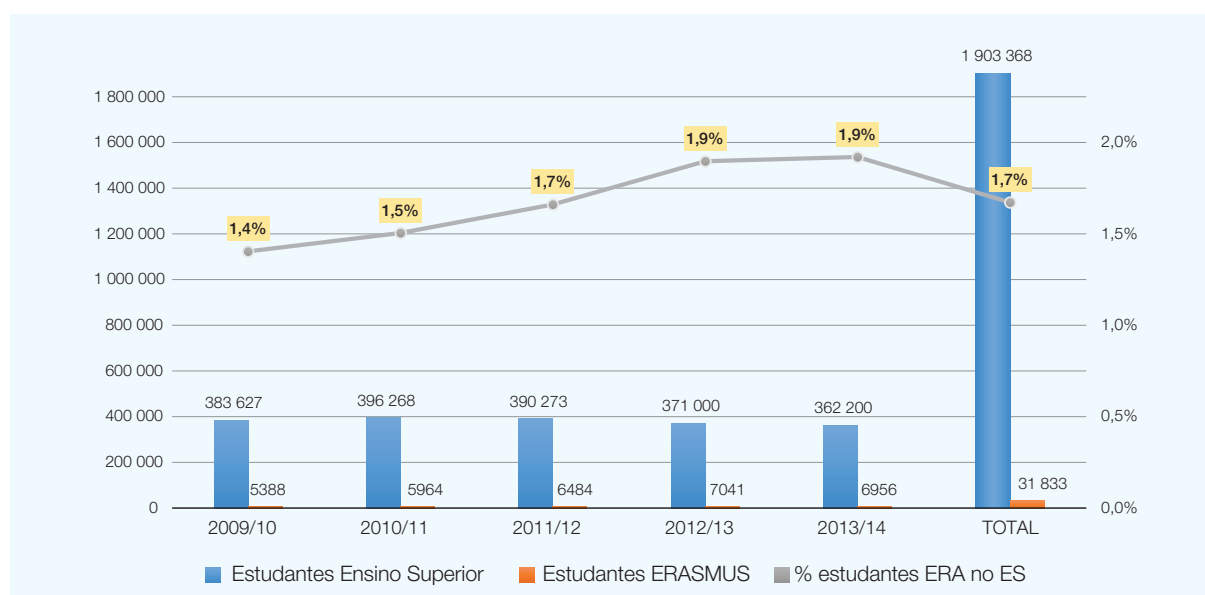
## Evolução do número de bolseiros BSE-SOC

Entre 2009/2010 e 2013/2014 perto de 32 mil estudantes portugueses fizeram uma mobilidade Erasmus, representando, em média, cerca de 2% do contingente anual de estudantes inscritos no Ensino Superior (Figura 18). Neste mesmo período, 5.717 estudantes receberam uma bolsa BSE-SOC, numa média de 1.143 bolseiros por ano (Figura 19).

O número de bolseiros BSE-SOC desceu ligeiramente em 2011/2012 e em 2012/2013, apesar de o seu peso relativo face ao universo Erasmus se ter mantido estável. A percentagem de bolseiros BSE-SOC no universo Erasmus acompanha sensivelmente o padrão de distribuição da percentagem de bolseiros da Ação Social no Ensino Superior entre 2009/2010 e 2013/2014, sendo em média de 18% entre os primeiros e de 17% nos segundos (Figura 20).

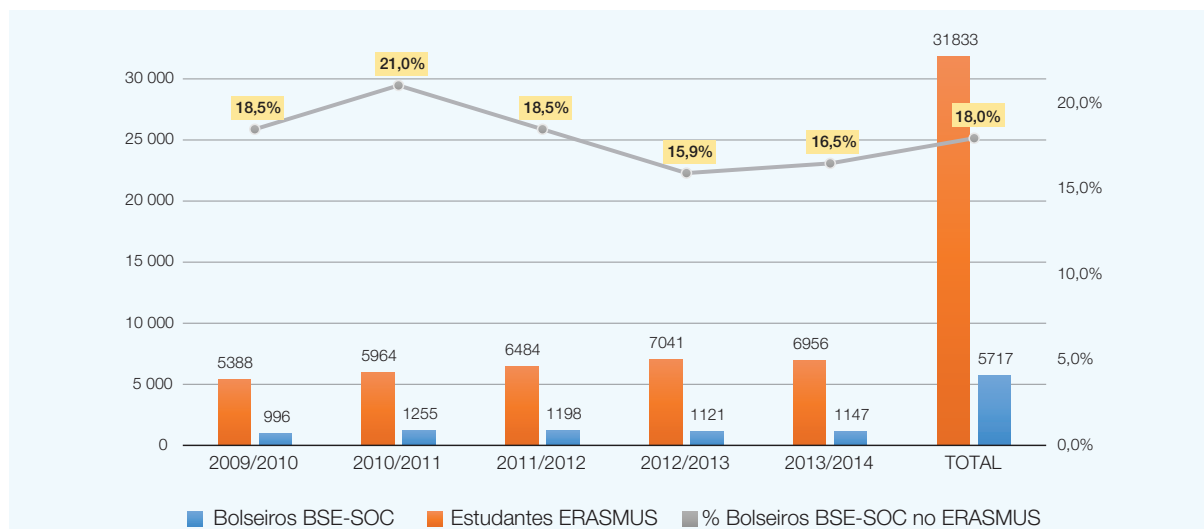
28

**Figura 18** Estudantes Erasmus no universo dos estudantes do Ensino Superior por ano académico (%)



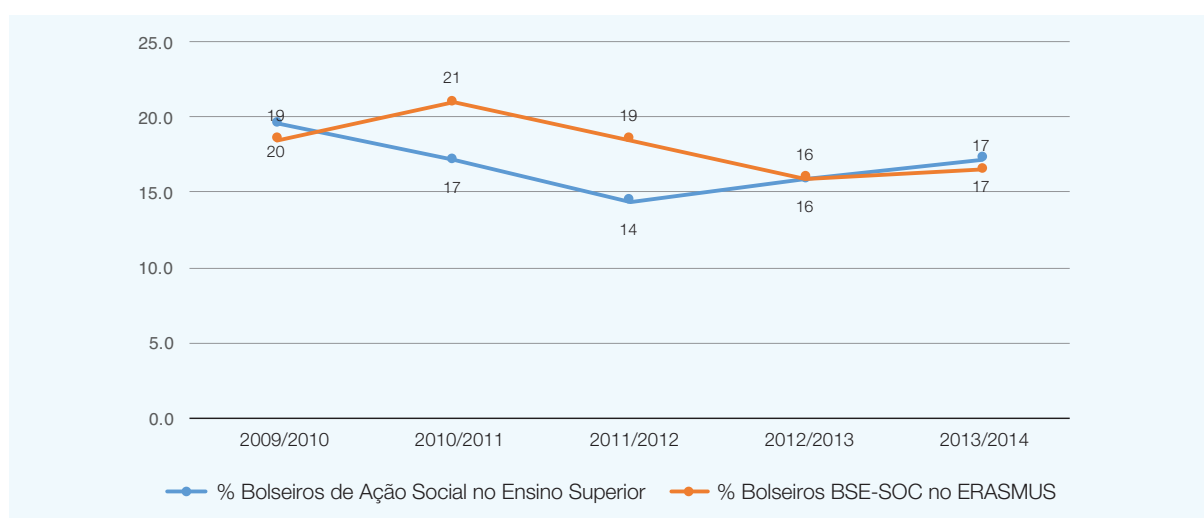
Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717); DGES/MEC, última atualização: 16-11-2015

**Figura 19** Bolseiros BSE-SOC no universo dos estudantes Erasmus por ano acadêmico (%)



Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

**Figura 20** Bolseiros da Ação Social no Ensino Superior (SAS) e bolseiros BSE-SOC no Erasmus, por ano acadêmico (%)

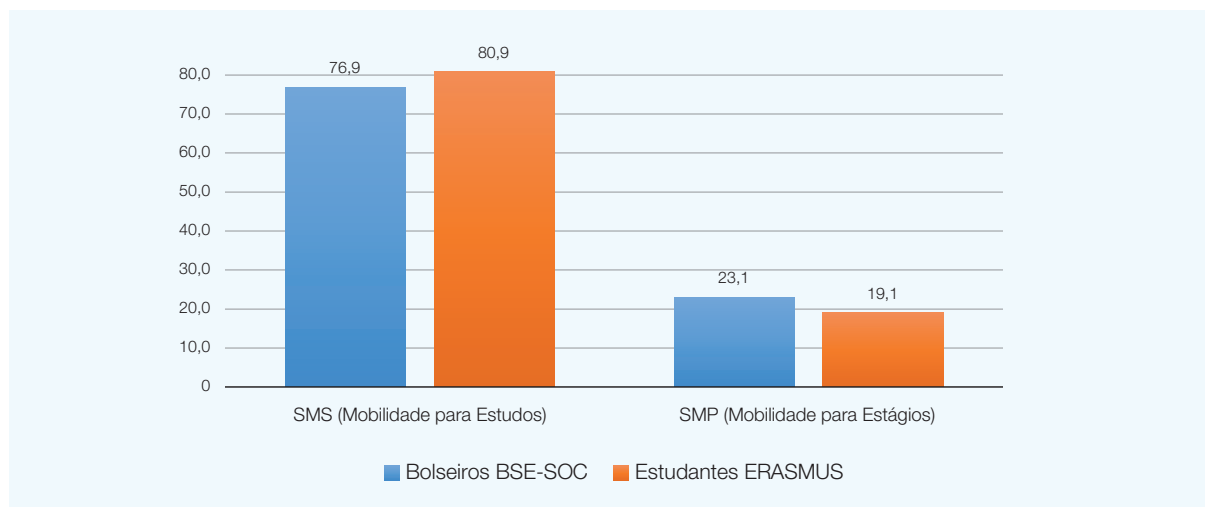


Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717); DGES/MEC, última atualização: 16-11-2015

Nos cinco anos em análise, o padrão de distribuição de estudantes em mobilidade para estudos (SMS) e de estudantes em mobilidade para estágios (SMP) no universo de bolseiros BSE-SOC é idêntico ao registado entre os estudantes Erasmus. Ao longo dos anos verificou-se, no entanto, um aumento da percentagem de estudantes SMP nos bolseiros BSE-SOC (Figuras 21 e 22). Tal evolução pode refletir uma estratégia de aproximação ao mundo laboral e de incremento do potencial de empregabilidade destes estudantes, nomeadamente em contexto internacional. A percentagem de bolseiros BSE-SOC oriundos de IES públicas (94%) é superior à percentagem dos estudantes bolseiros de Ação Social no Ensino Superior (cerca de 85%)<sup>9</sup> e à do universo Erasmus (cerca de 87%) (Figura 23).

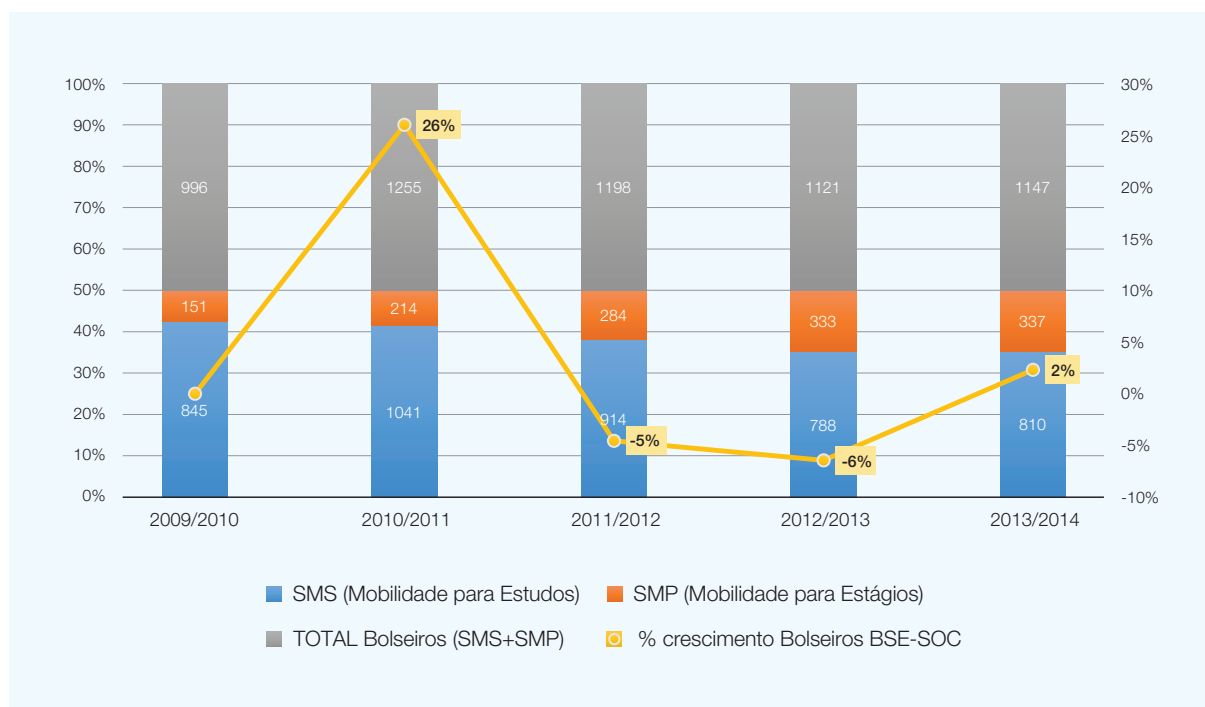
9 Fontes: DGES/MEC, PORDATA, última atualização: 16-11-2015.

**Figura 21** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus por tipo de mobilidade (%)



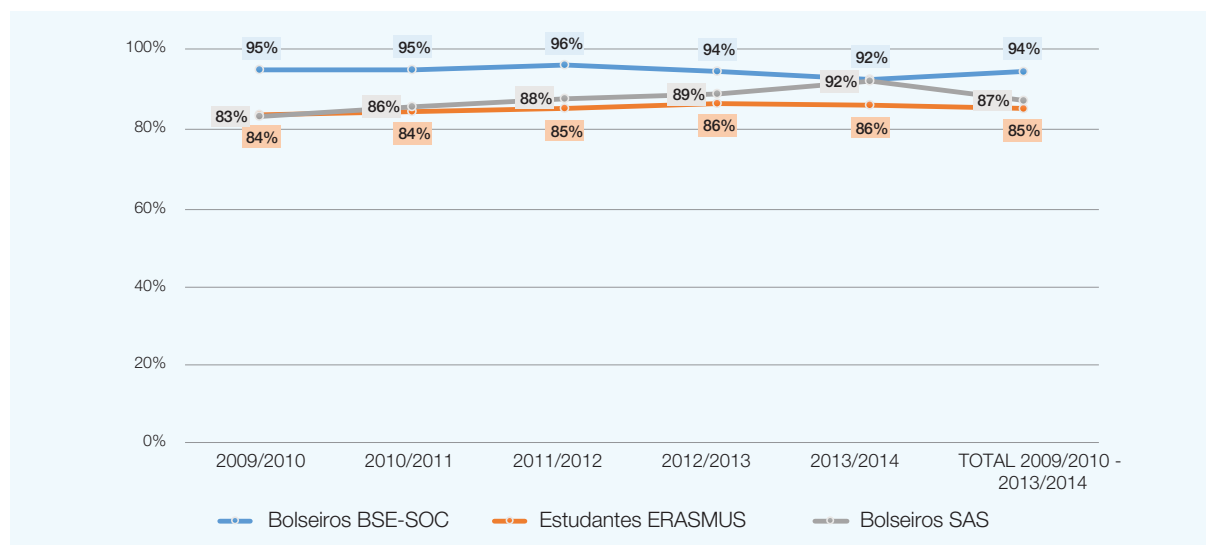
Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

**Figura 22** Bolseiros BSE-SOC por ano académico segundo o tipo de mobilidade (%)



Fonte: Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

**Figura 23** Bolseiros BSE-SOC, bolseiros da Ação Social no Ensino Superior (SAS) e estudantes Erasmus oriundos de instituições públicas (%)

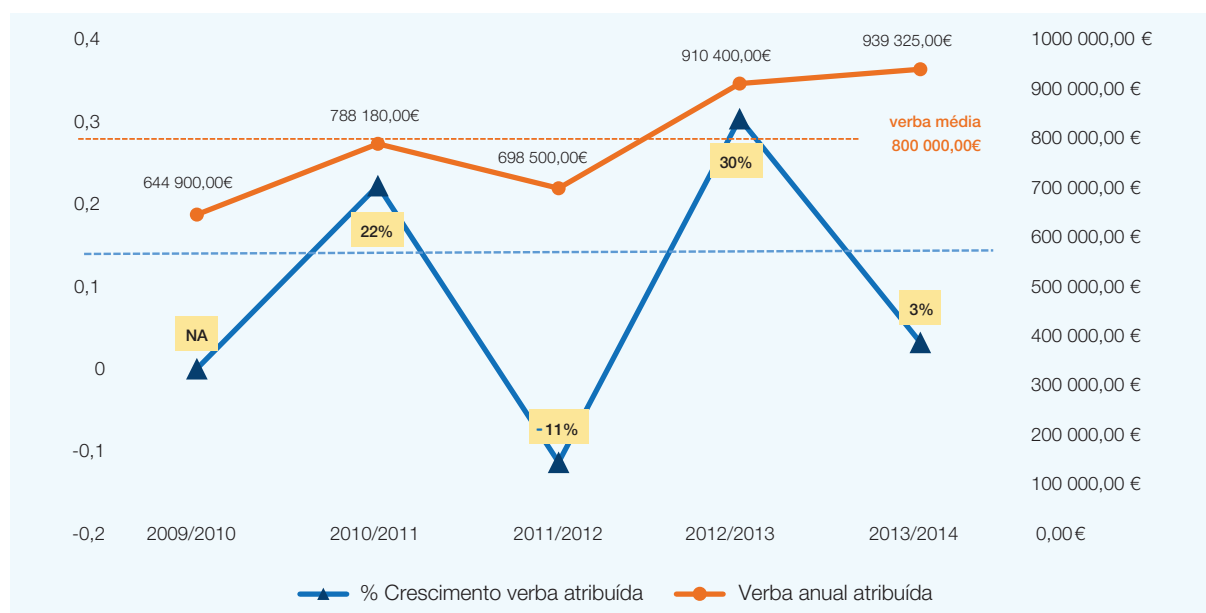


Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717); DGES/MEC, última atualização: 16-11-2015

## Verbas e valor das bolsas

O montante despendido com as bolsas BSE-SOC totalizou, nos cinco anos em análise, cerca de 4 milhões de euros e uma distribuição média anual de aproximadamente 800 mil euros. Entre o primeiro e o último ano analisados, o valor anual despendido em bolsas BSE-SOC cresceu 46%, refletindo a preocupação geral de aumento das bolsas atribuídas a estes bolseiros e de melhoria da qualidade das suas mobilidades Erasmus (Figura 24).

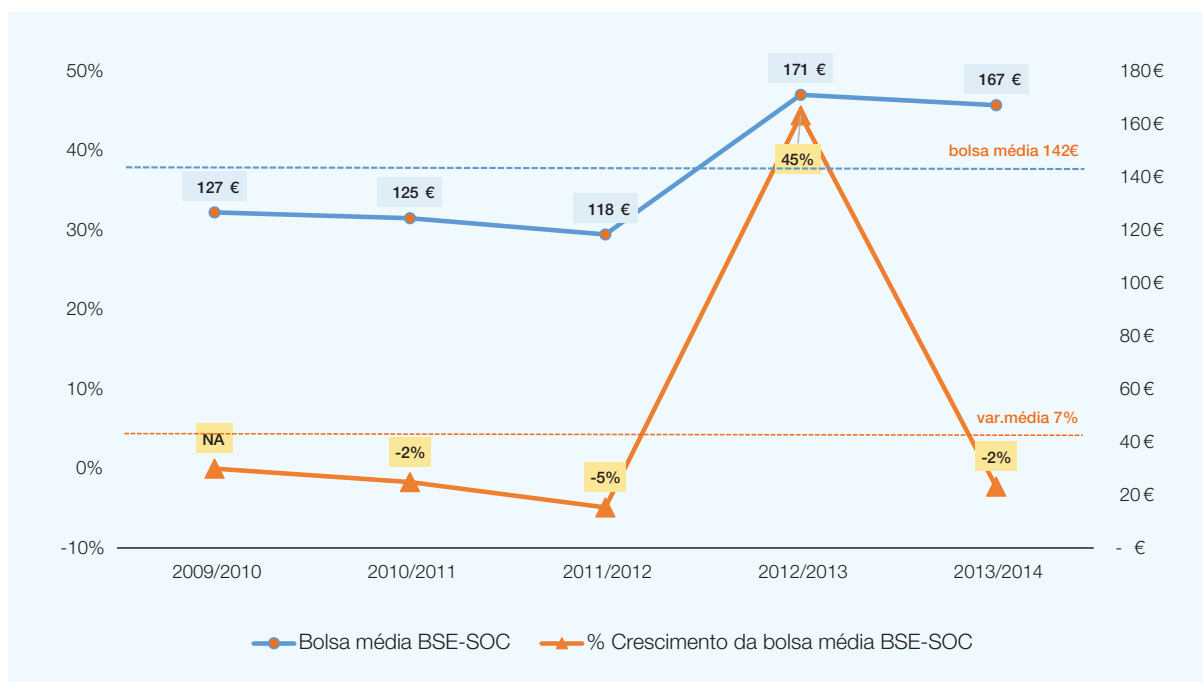
**Figura 24** Montantes anuais comprometidos com as bolsas BSE-SOC (euros)



Fonte: Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

Em 2012/2013, por decisão da Direção da AN, o valor das bolsas atribuídas por escalão foi aumentado. Desta decisão resultou um aumento das verbas despendidas com a execução desta medida em 2012/2013 e 2013/2014. De acordo com as regras estabelecidas na legislação nacional<sup>10</sup>, o valor mensal mínimo previsto para a bolsa suplementar BSE-SOC foi de 100 euros durante o período em análise, estabelecido por referência ao escalão de ação social dos estudantes com maiores rendimentos. A bolsa média mensal dos estudantes BSE-SOC oscilou entre os 118 e os 171 euros<sup>11</sup>, sendo possível observar um aumento substancial dos valores médios das bolsas correspondente a uma variação de 45%, particularmente no penúltimo ano do estudo. Entre 2009/2010 e 2013/2014, a bolsa média mensal fixou-se em 142 euros, tendo crescido cerca de 32% entre o primeiro e o último ano em análise (Figura 25).

**Figura 25** Bolsa média/mês BSE-SOC por ano académico e tipo de mobilidade (euros)



Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

<sup>10</sup> O Despacho n.º 17706/2009 de 24 de Julho determinou que: "Para os estudantes do Ensino Superior a quem tenha sido atribuída bolsa Erasmus e que sejam bolseiros da ação social, a Agência Nacional para a Gestão do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida assegurará uma bolsa suplementar de montante não inferior a 50% do valor da bolsa mínima Erasmus." Desde 2009/2010, a bolsa Erasmus nunca foi inferior a 200,00€ por mês.

<sup>11</sup> Calculadas por média aritmética simples. Para o cálculo da bolsa média mensal foi tido em conta o montante total atribuído para as Bolsas BSE/SOC durante o ano em causa e o número total de estudantes a quem as mesmas foram atribuídas, não se teve em conta a divisão por escalões das bolsas BSE/SOC dependentes dos escalões da ação social.

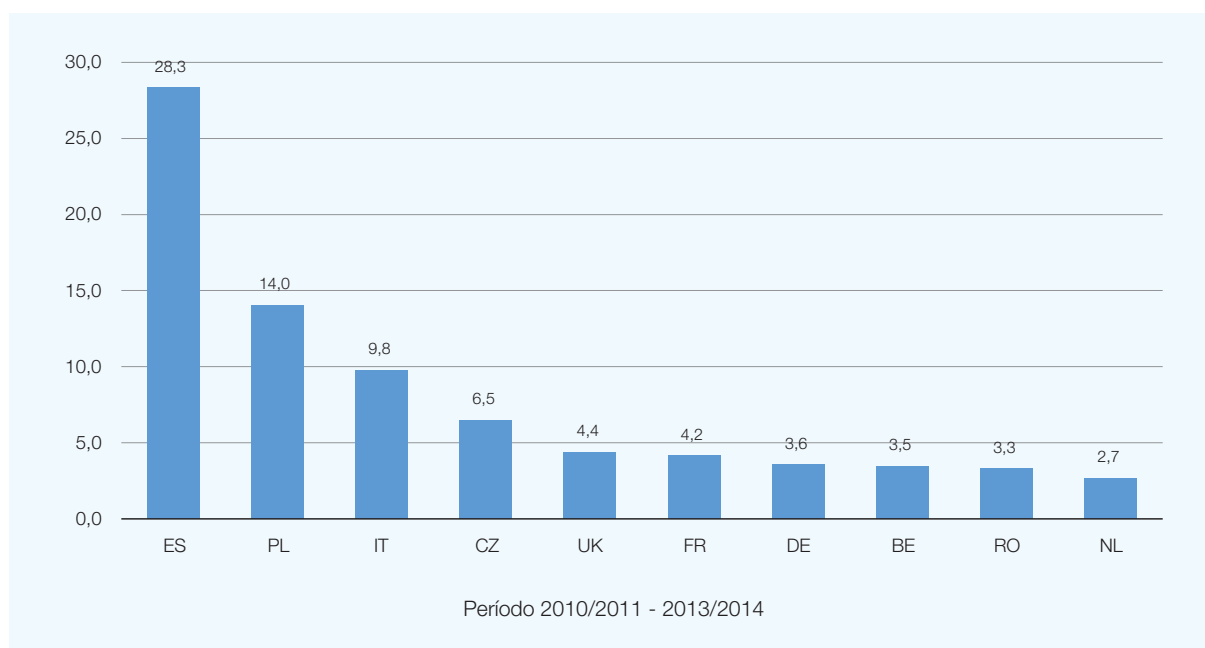


## Destinos e duração das mobilidades

À semelhança do que acontece nos outros países europeus<sup>12</sup>, o país preferido para a realização de períodos de estudo ou de estágio é Espanha, que acolhe anualmente quase 30% dos estudantes Erasmus portugueses (Figuras 26 e 27). Os quatro principais destinos das mobilidades Erasmus, quer para bolseiros BSE-SOC, quer para os estudantes Erasmus em geral, são os mesmos: Espanha (ES), Polónia (PL), Itália (IT) e República Checa (CZ), reunindo, anualmente, cerca de 59% do total das mobilidades BSE-SOC e 55% do total de estudantes Erasmus.

Em alguns dos países de destino de estudantes Erasmus portugueses registam-se variações significativas entre as populações de bolseiros BSE-SOC e Erasmus (Figura 27). É o caso de Espanha e Polónia, com maior percentagem de bolseiros BSE-SOC, em contraponto com Itália, França e Alemanha, com maior percentagem de estudantes Erasmus. Estes dados sugerem que o custo de vida nos países de acolhimento é, no caso dos bolseiros BSE-SOC, uma variável crucial para a seleção do destino. Para além disso, as mobilidades estão condicionadas, à partida, pelos acordos interinstitucionais existentes entre as IES de origem e de destino.

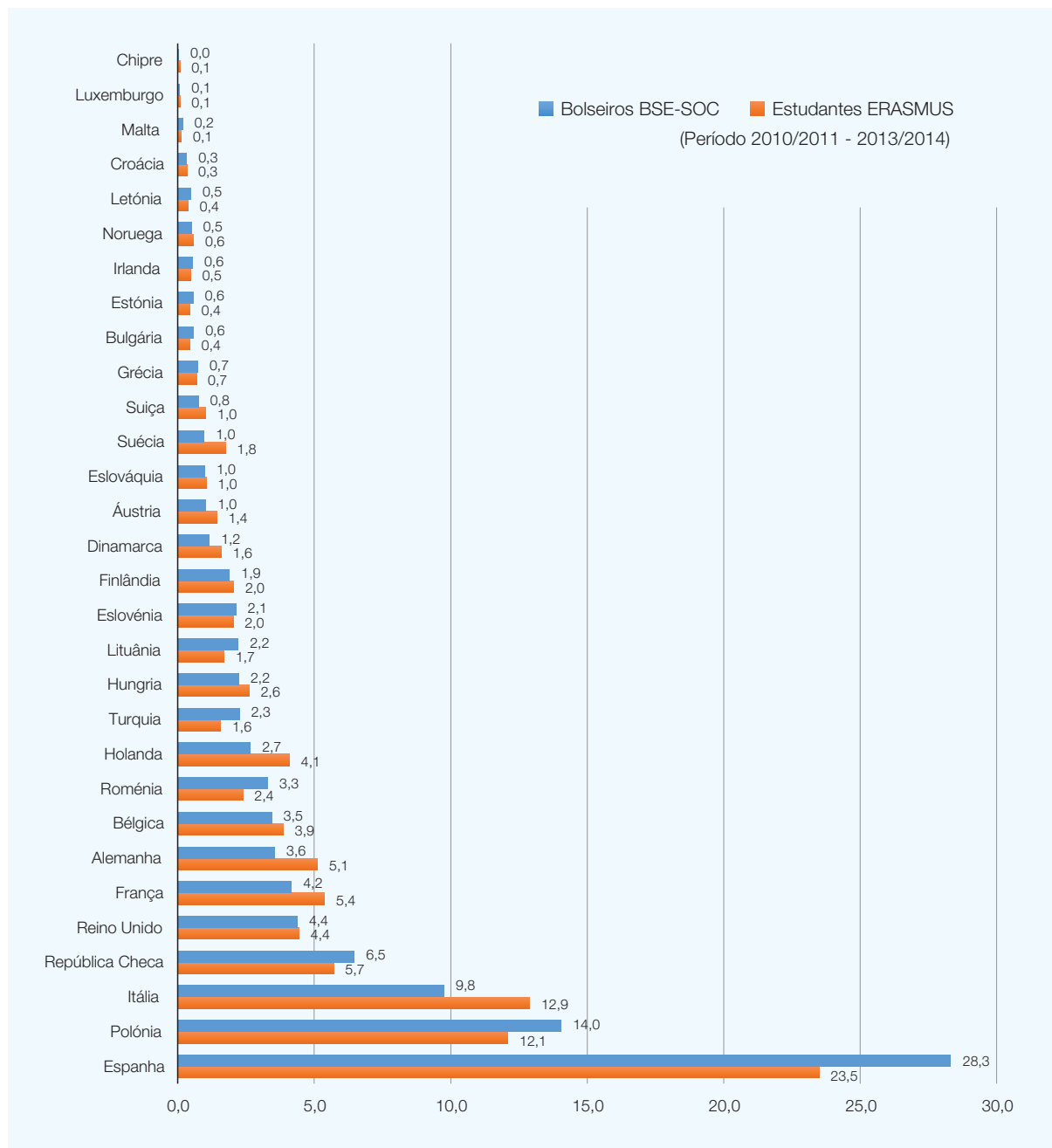
**Figura 26** Bolseiros BSE-SOC segundo o país de destino (TOP 10) - %



Fonte: Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717). Nota: Dados não disponíveis para o ano académico de 2009/2010.

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, Brandenburg et al 2014; Comissão Europeia, Statistics [Em linha]. Bruxelas, Disponível em [http://ec.europa.eu/education/tools/statistics\\_en.htm](http://ec.europa.eu/education/tools/statistics_en.htm)

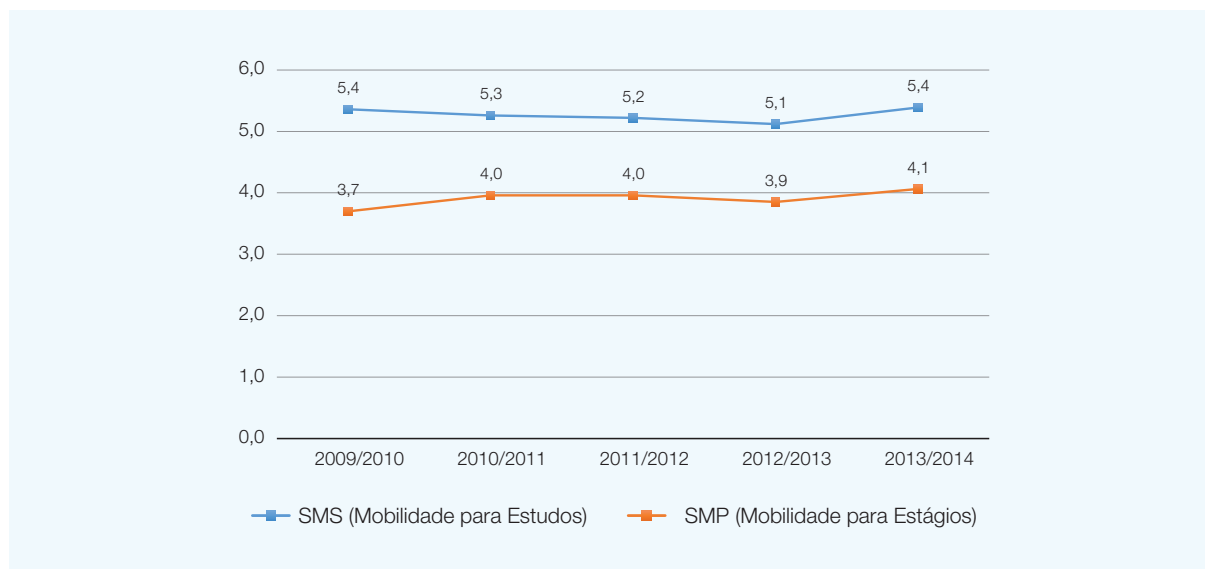
**Figura 27** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo o país de destino (%)



Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717). Nota: Dados não disponíveis para o ano académico de 2009/2010.

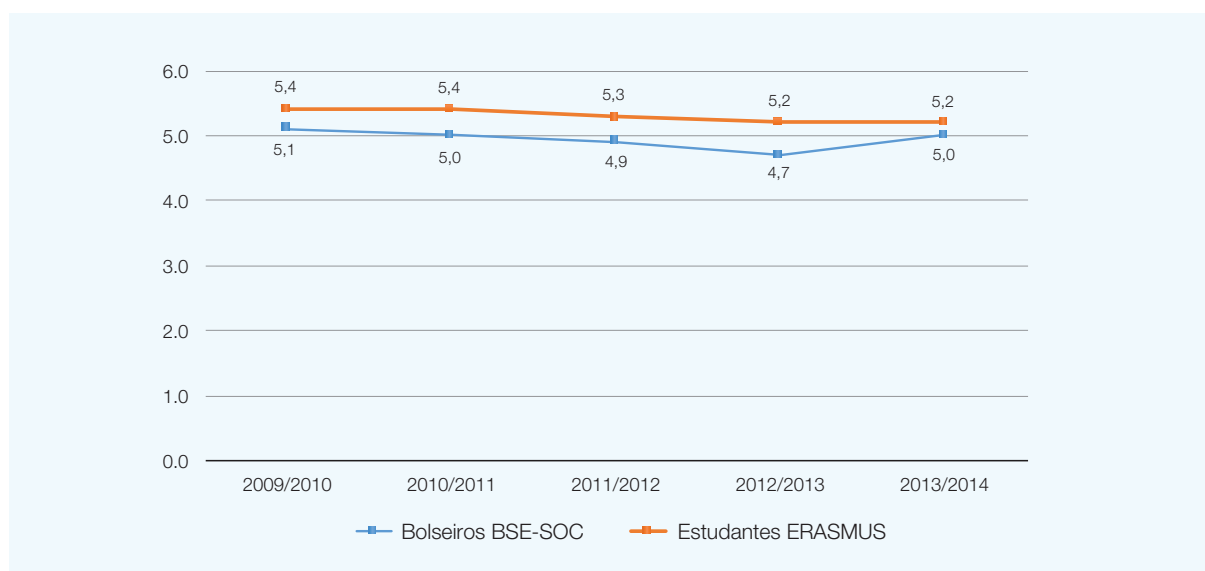
Em termos de duração das mobilidades, verifica-se que, em média, é menor o tempo de permanência dos estudantes em estágio do que o tempo de permanência dos estudantes em estudos (Figura 28). Os períodos de estadia dos bolseiros BSE-SOC são tendencialmente mais curtos por comparação com o universo estudantil Erasmus. A duração média da mobilidade é de aproximadamente 4,9 meses, situando-se um pouco abaixo do tempo médio de permanência da totalidade dos estudantes Erasmus (cerca de 5,3 meses), o que poderá estar associado aos custos da estadia no estrangeiro (Figura 29).

**Figura 28** Bolseiros BSE-SOC segundo a duração média da mobilidade, por ano académico e tipo de mobilidade (meses)



Fonte: Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

**Figura 29** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus segundo a duração média da mobilidade, por ano académico e tipo de mobilidade (meses)



Fonte: Relatórios Finais Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=31.833); Listas BSE-SOC 2009/2010-2013/2014 (N=5.717)

## A experiência Erasmus e o impacto da bolsa BSE-SOC

O Programa Erasmus é uma oportunidade ímpar de viajar, conhecer outras realidades e culturas, fazer novas amizades e alargar as redes sociais, aspetos que comprovadamente se refletem na empregabilidade e nas carreiras profissionais dos estudantes<sup>13</sup>. As motivações para os bolseiros saírem em mobilidade associam-se a três fatores principais: (i) valorização curricular e profissional; (ii) desenvolvimento pessoal e sociocultural; e (iii) emancipação individual. É também nestas dimensões que se inscrevem os impactos do período Erasmus, avaliados genericamente por estes bolseiros de forma muito positiva.

36

As fontes de informação institucionais são as mais relevantes para os bolseiros BSE-SOC quando pretendem saber mais sobre o Programa Erasmus ou preparar a mobilidade. Destacam-se os Gabinetes de Relações Internacionais (GRI) das IES e os professores ou orientadores de estágio das instituições de origem ou de destino.

A situação financeira durante o período de mobilidade Erasmus é considerada razoável pela maioria dos bolseiros BSE-SOC. A bolsa BSE-SOC revelou-se um apoio financeiro importante para a maioria dos bolseiros custearem o período de estudos ou de estágio. Influenciou também as condições de vida, a qualidade da experiência formativa, a escolha do país, a duração do período e a própria decisão de sair em mobilidade.

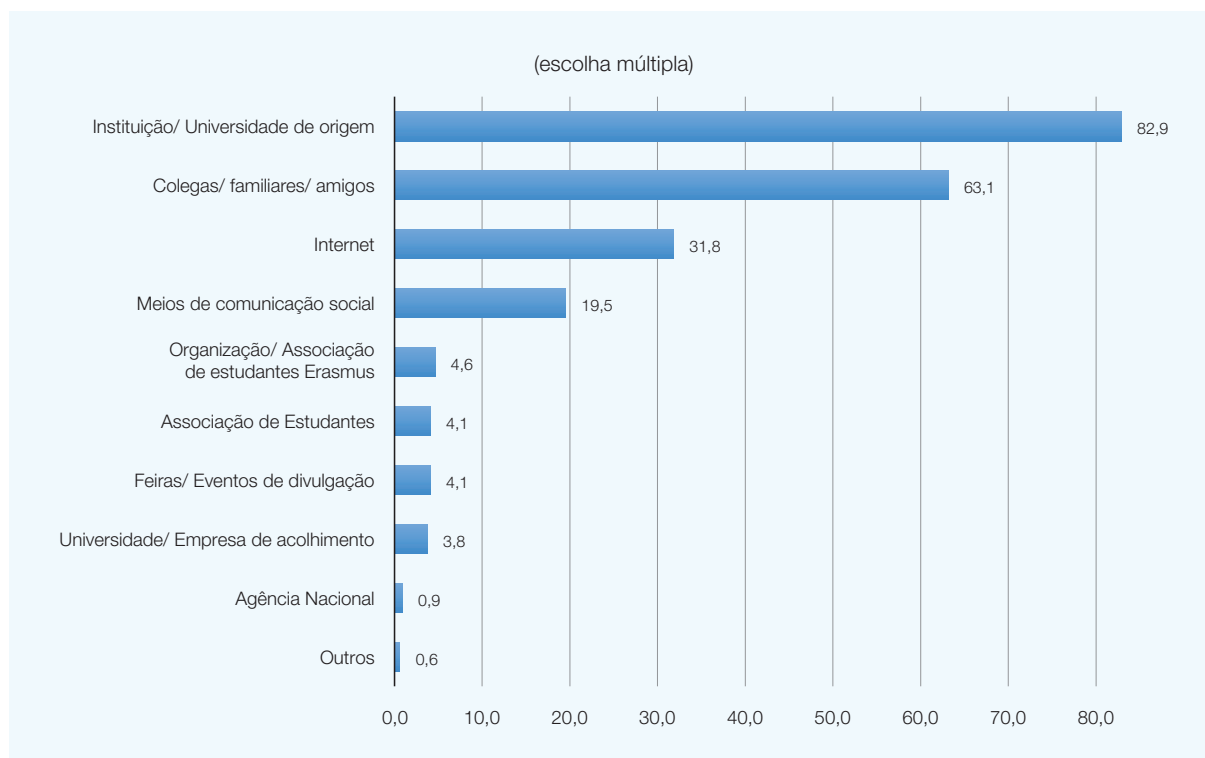
As dificuldades financeiras enfrentadas pelos bolseiros durante o período Erasmus parecem estar associadas em grande medida à insuficiência ou atraso na transferência das bolsas Erasmus e BSE-SOC, ainda que outros aspetos que revelam fragilidade socioeconómica destes estudantes, como sejam a insuficiência dos recursos familiares e das poupanças individuais, também sejam importantes. A grande maioria dos bolseiros recorrem a meios complementares de financiamento para custear as despesas de mobilidade no estrangeiro; e as famílias são a principal fonte de apoio complementar à mobilidade.

## Decisão e preparação da mobilidade

Os canais de comunicação e informação mais comuns sobre o Programa Erasmus são tradicionalmente as IES de origem, no seio das quais se destacam os GRI e os professores/orientadores de estágio. Apesar da relevância das fontes informais, como a internet, os familiares, ou os amigos e colegas, entre outras, os mecanismos institucionais e oficiais são fontes de informação importantes quer no acesso à informação sobre o Programa, quer na preparação da mobilidade dos estudantes. Entre os bolseiros BSE-SOC, a IES é a fonte de informação mais importante sobre o programa Erasmus (83%), seguindo-se os familiares, colegas e amigos (63%), a internet (32%) e os meios de comunicação social (20%) (Figura 30). De uma forma geral, a informação institucional, reforçada pelo diálogo informal com os amigos e a família, bem como pela visibilidade angariada pelo programa nos média ao longo dos anos, contribuíram para a popularidade do Erasmus junto da comunidade de estudantes do Ensino Superior.

<sup>13</sup> Brandenburg 2014; Peixoto, P., Ferreira, C. (Ed.) 2013.

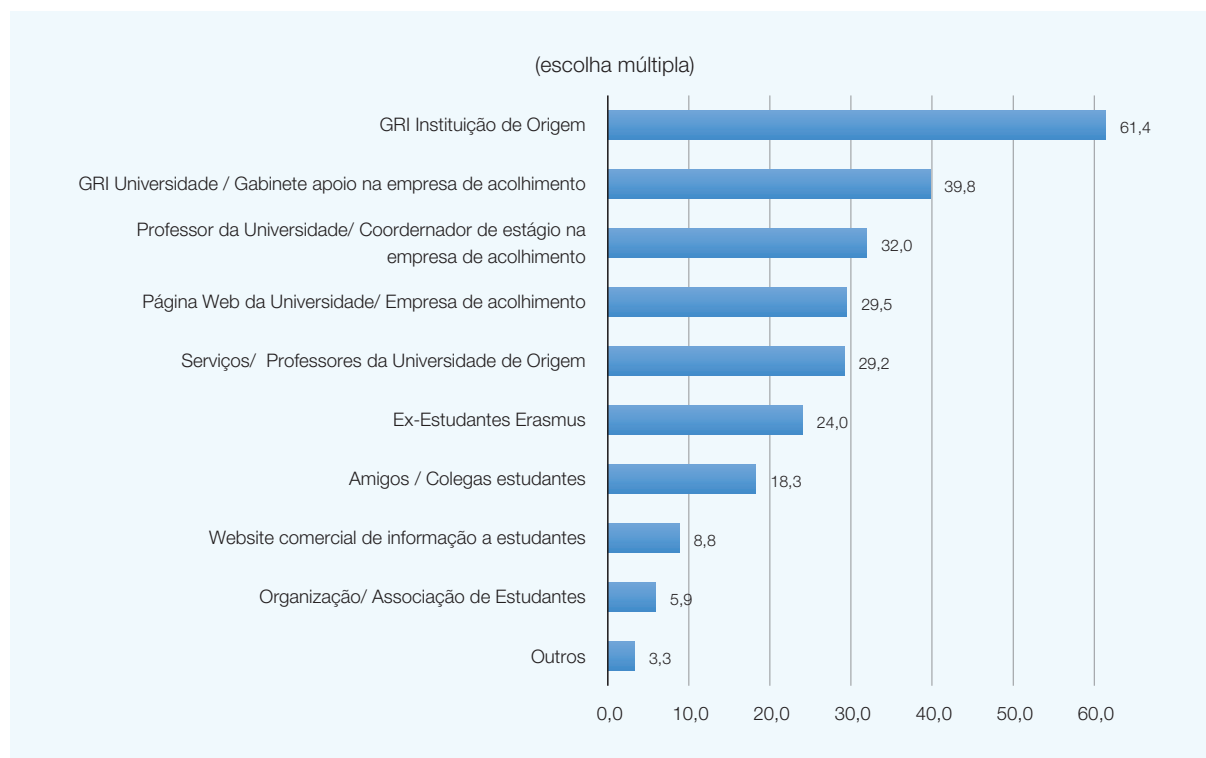
**Figura 30** Bolseiros BSE-SOC e fontes de informação sobre a mobilidade Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

Para a preparação da mobilidade, é particularmente relevante o papel desempenhado pelos GRI das IES, não só enquanto centros de informação direta aos estudantes, mas também enquanto intermediários no processo. Os bolseiros BSE-SOC classificam como “muito importante” os GRI de origem (61%) e os GRI de acolhimento (40%) como fontes de informação (Figura 31). Os professores e coordenadores de origem ou de acolhimento assumem também relevância, de acordo com aproximadamente um terço dos bolseiros BSE-SOC.

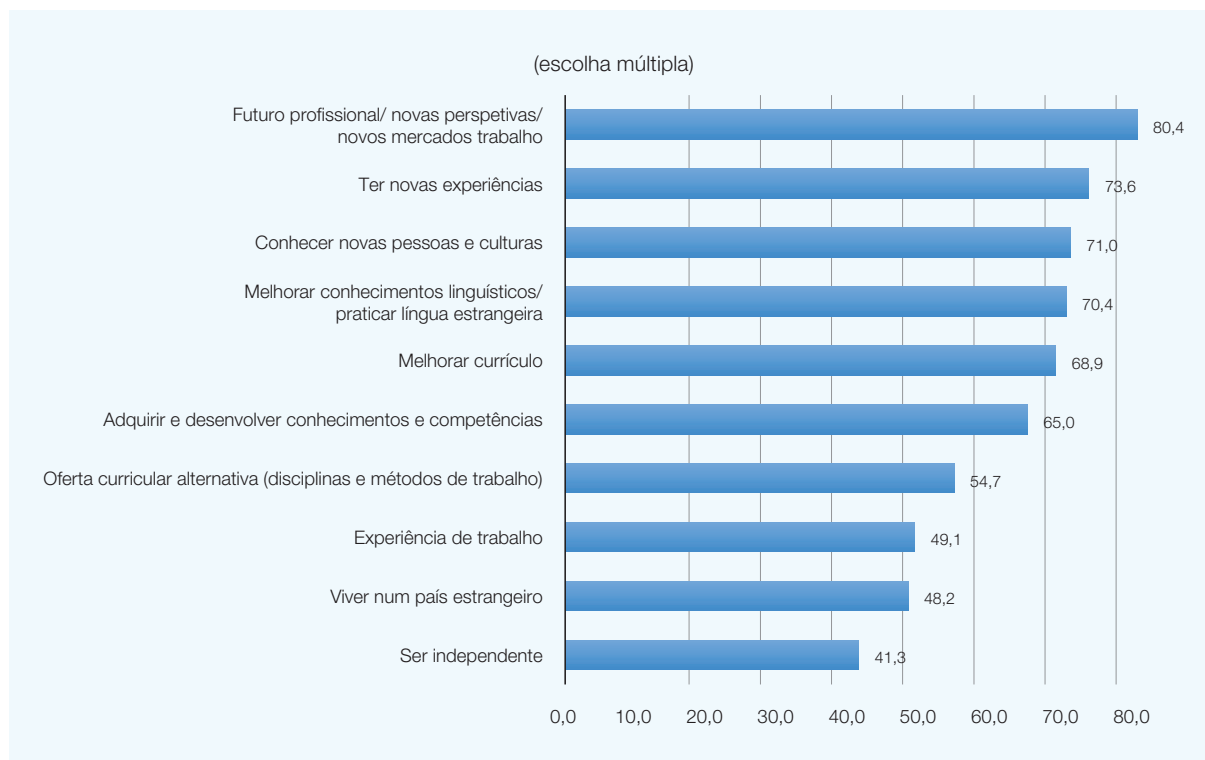
**Figura 31** Bolseiros BSE-SOC e fontes de informação na preparação da mobilidade (% “muito importante”)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

As motivações dos bolseiros BSE-SOC para sair em mobilidade são de três tipos: (i) valorização curricular, emprego e futuro profissional; (ii) convívio e desenvolvimento pessoal e sociocultural; e (iii) emancipação individual. Cerca de 80% do universo de bolseiros BSE-SOC assinala o futuro profissional como um dos fatores que mais pesou na decisão de estudar ou estagiar fora de Portugal ao abrigo do Programa Erasmus (Figura 32), expressando uma preocupação de valorização profissional associada a novas experiências de trabalho e à empregabilidade. Melhorar o currículo (69%) ou adquirir/desenvolver conhecimentos e competências (65%) são outras razões apontadas. O convívio e o conhecimento de novas pessoas e culturas (71%), a curiosidade pelo que é diferente e novo (“ter novas experiências”, 74%) e a possibilidade de melhorar conhecimentos linguísticos e praticar uma língua estrangeira (71%), configuram a segunda dimensão motivacional que remete para o alargamento de horizontes e para o exercício ativo da cidadania europeia. Por último, o desejo de emancipação individual é visível na vontade de viver num país estrangeiro (48%) e de ser independente (41%).

**Figura 32** Bolseiros BSE-SOC e fatores relevantes na decisão de estudar fora de Portugal (% “muito importante”)



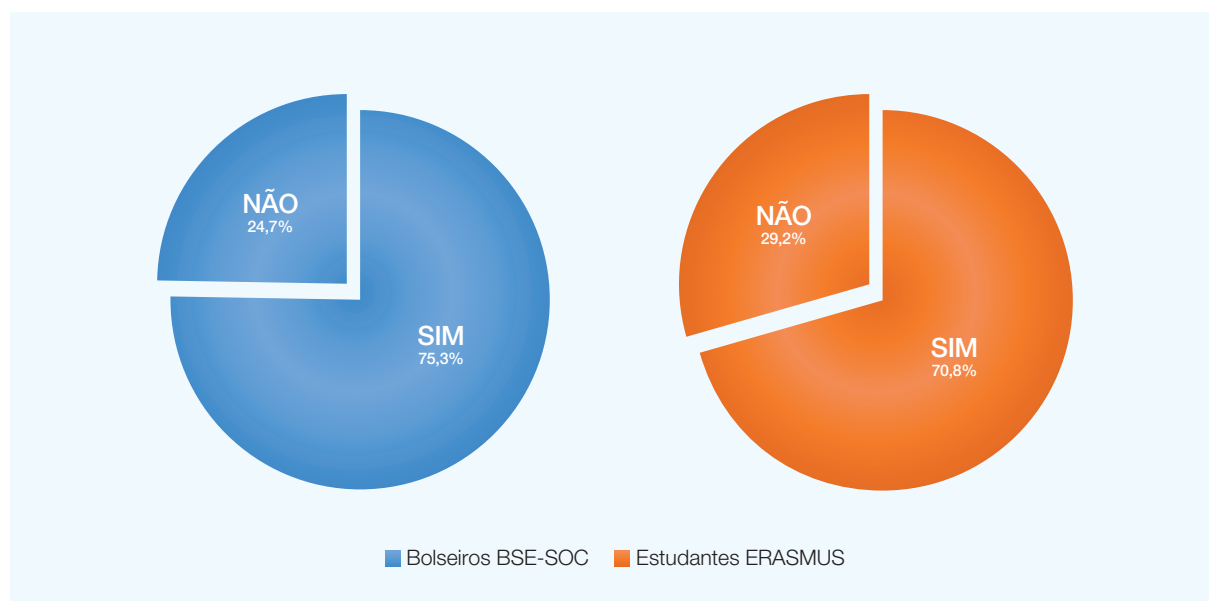
Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Recursos financeiros durante a mobilidade

O recurso a meios complementares de financiamento para fazer face às despesas da mobilidade Erasmus é ligeiramente mais visível nos bolseiros BSE-SOC do que no conjunto dos estudantes Erasmus. A pequena diferença que separa as duas populações pode refletir o contributo do complemento financeiro prestado pela bolsa BSE-SOC. A mesma análise é possível no que diz respeito à perceção dos estudantes e dos bolseiros sobre a sua situação financeira durante o período Erasmus.

Apesar do aumento dos montantes da bolsa Erasmus e da bolsa suplementar BSE-SOC nos últimos anos, na grande maioria dos casos os bolseiros continuam a ter que recorrer a meios complementares para custear as despesas da mobilidade. Cerca de 75% dos bolseiros BSE-SOC afirmam ter recorrido a meios alternativos de financiamento para fazer face às despesas no decurso do período de mobilidade no estrangeiro, valor que se situa apenas ligeiramente acima (5%) do observado entre os estudantes Erasmus (Figura 33).

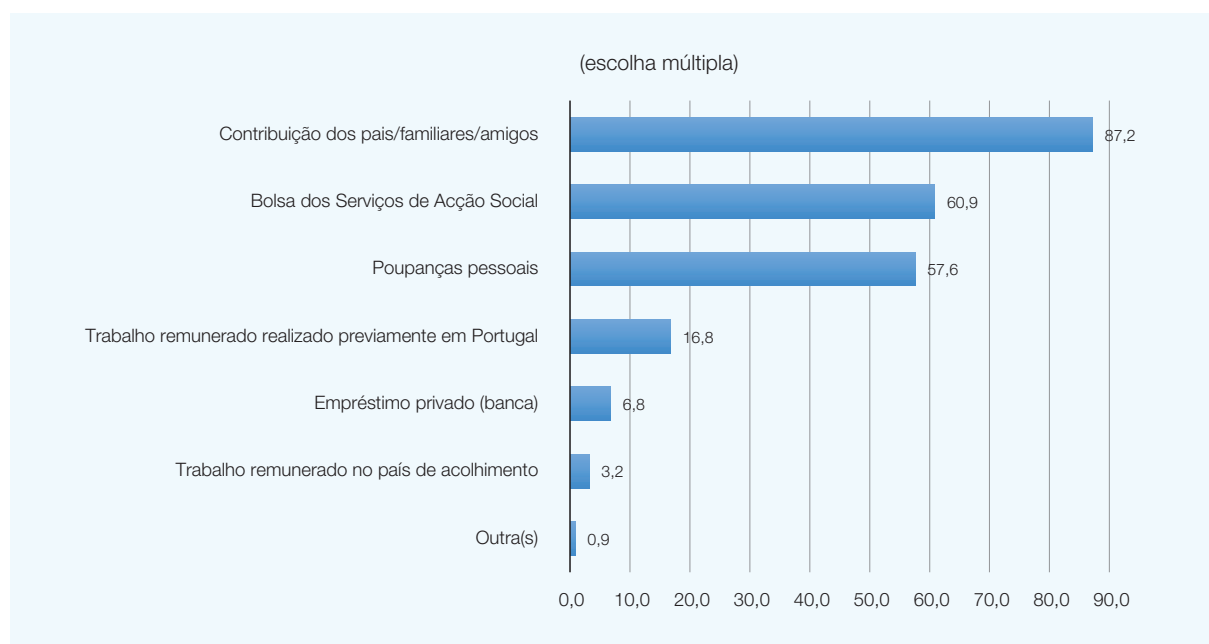
**Figura 33** Necessidade de fontes de financiamento complementares durante o Erasmus para bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

Entre a larga maioria dos bolseiros BSE-SOC, a ajuda dos familiares e amigos constituiu o principal meio para fazer face às despesas da mobilidade (87%), seguindo-se a bolsa dos Serviços de Ação Social (61%) – que todos os bolseiros BSE-SOC recebem – e as poupanças pessoais (58%). Apenas 17% recorreu a trabalho remunerado antes do período de mobilidade, sendo menos significativa a percentagem daqueles que afirmam ter recorrido a apoio bancário (7%) (Figura 34).

**Figura 34** Bolseiros BSE-SOC e fontes de financiamento complementares às bolsas BSE-SOC (%)

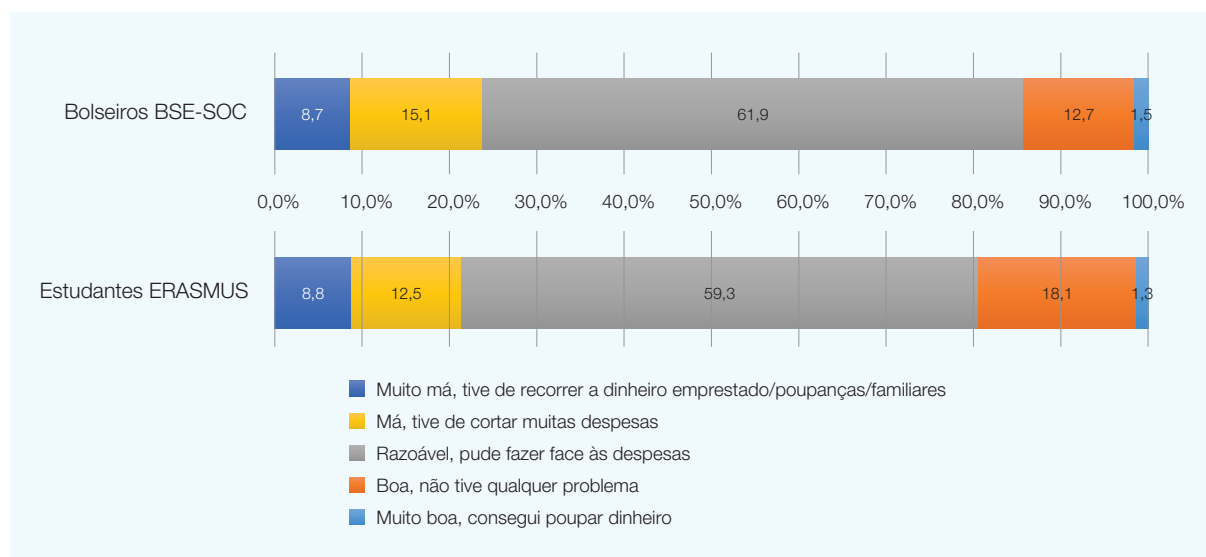


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)



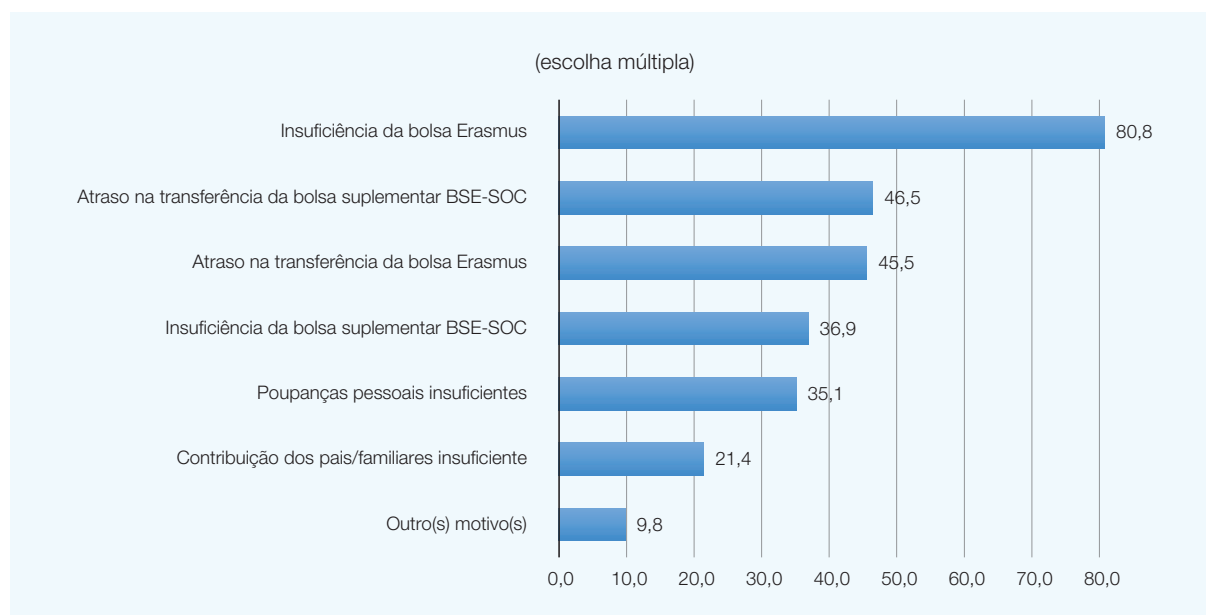
A maioria dos bolseiros BSE-SOC descreve a sua situação financeira durante o período de mobilidade Erasmus como razoável (62%); apenas mais 3% dos bolseiros BSE-SOC faz uma avaliação negativa da situação financeira durante a mobilidade do que o total de estudantes Erasmus (Figura 35). Entre os motivos mais assinalados pelos bolseiros para as dificuldades financeiras está a insuficiência do valor de bolsa atribuído, com destaque para a bolsa Erasmus (81%), seguida do atraso da transferência das bolsas Erasmus e BSE-SOC (46% cada) (Figura 36).

**Figura 35** Bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus e percepção da situação financeira durante o período Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 36** Bolseiros BSE-SOC e motivos das dificuldades financeiras durante o período Erasmus (%)

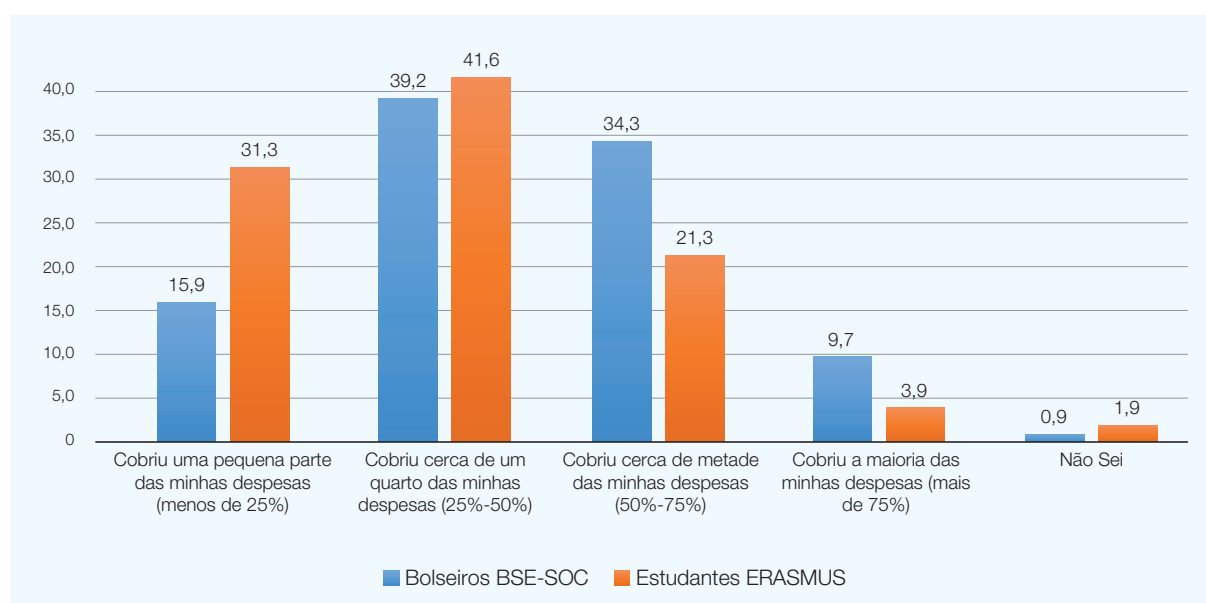


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Relevância da BSE-SOC

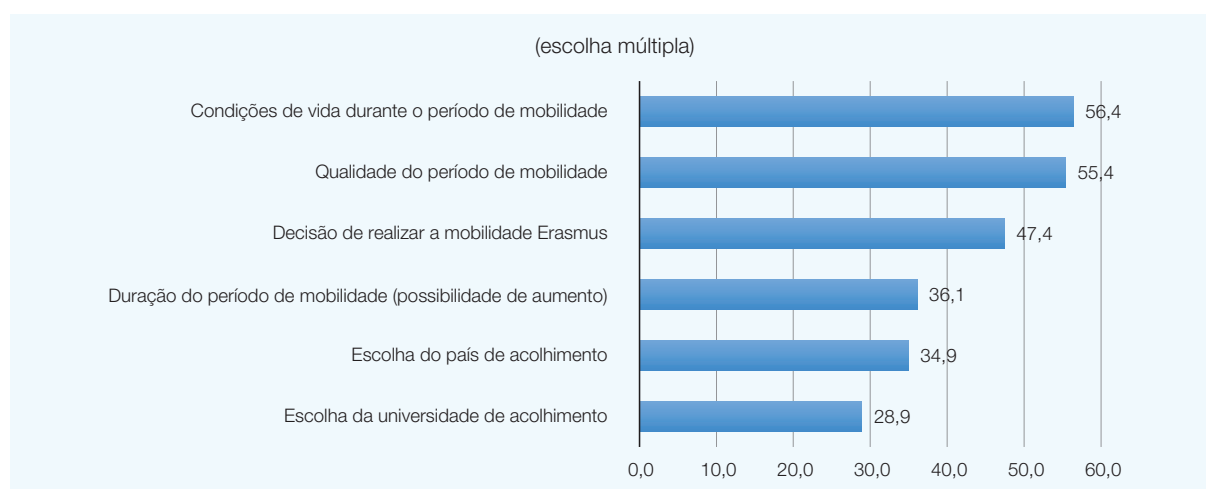
A Figura 37 ilustra a forma como a BSE-SOC complementa a bolsa Erasmus. Apesar de grande parte dos bolseiros (39%) referir que as duas bolsas (Erasmus e BSE-SOC) cobriram cerca de um quarto das despesas da mobilidade, o grau de cobertura das despesas é mais notório entre os bolseiros BSE-SOC do que entre os estudantes Erasmus. Mais de metade destes estudantes afirma que a BSE-SOC teve um impacto razoável ou elevado, quer no nível das condições de vida durante o período da mobilidade, quer na qualidade da experiência Erasmus (Figura 38). Para cerca de um terço, teve ainda impacto evidente na duração da mobilidade (36%), na escolha do país de acolhimento (35%) e na escolha da universidade de acolhimento (29%).

**Figura 37** Contributo financeiro da(s) bolsa(s) no período de mobilidade para bolseiros BSE-SOC e estudantes Erasmus (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 38** Impactos globais da BSE-SOC na mobilidade Erasmus (% “razoáveis ou elevados”)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

Os testemunhos dos bolseiros permitem comprovar o valioso contributo das BSE-SOC nas suas experiências de mobilidade e percursos formativos. Da análise dos discursos, é possível verificar os impactos positivos da BSE-SOC traduzidos em três dimensões particularmente presentes: qualidade da estadia, qualidade da experiência académica e decisão de participar no Erasmus (Figura 39). De acrescentar, no entanto, a referência a aspetos menos positivos associados à gestão das bolsas, que surge num número significativo dos comentários: por um lado observações alusivas às dificuldades sentidas face ao atraso da transferência da bolsa ou à sua não receção mesmo após o término da mobilidade; por outro lado, os baixos montantes envolvidos, quer da bolsa Erasmus, quer da bolsa suplementar, nomeadamente face aos custos de vida dos países de acolhimento.

**Figura 39** Dimensões discursivas dos bolseiros sobre o contributo da BSE-SOC



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

«A bolsa suplementar Erasmus ajudou-me na decisão de participar no programa, e possibilitou o aumento do tempo de mobilidade.»

«A bolsa suplementar ajudou-me bastante em despesas escolares (fotocópias, etc.), a fazer uma melhor alimentação, viajar nos países mais próximos, (...) e pagar a viagem de volta para Portugal.»

«Desde o início que escolhi um país onde não se gastasse tanto dinheiro de modo a poder ficar um ano fora. Mas com esta bolsa obtive mais recursos para poder viver a minha mobilidade.»

«A bolsa foi determinante para a minha mobilidade Erasmus. No entanto o seu atraso fez-me passar dificuldades.»

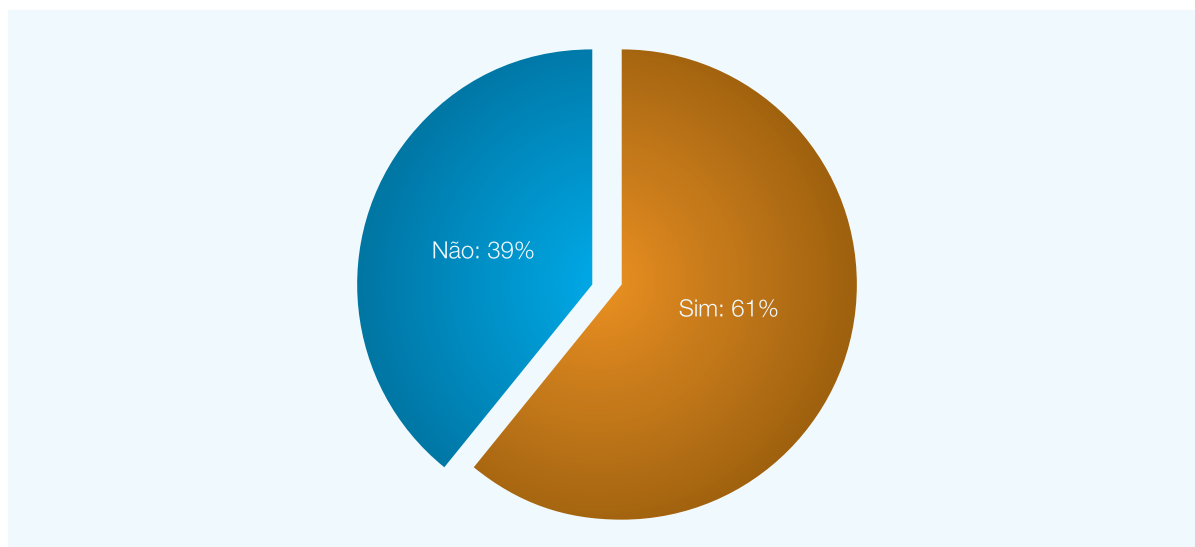
«Apesar de terem sido os meus pais a despende o dinheiro, a bolsa permitiu-me reembolsá-los...»

«Contribuiu para a minha participação em cursos linguísticos, seminários, workshops.»

«(...) Contribuiu para que tivesse uma situação económica mais estável que me proporcionou uma melhor aplicação nos estudos.»

Uma percentagem relevante de bolseiros afirma não ter tido conhecimento dos critérios de atribuição da BSE-SOC (39%) (Figura 40). Se tal facto, por si só, sugere a necessidade de uma melhor e mais eficaz divulgação dos critérios que regulam o acesso a este apoio, este desconhecimento poderá estar a comprometer, de alguma forma, a objetividade das avaliações dos estudantes em questões tão específicas como o valor das bolsas ou a transferência atempada das mesmas. Daqui decorrerá também a maior carga negativa observada entre algumas destas apreciações.

**Figura 40** Conhecimento dos critérios de atribuição das bolsas BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

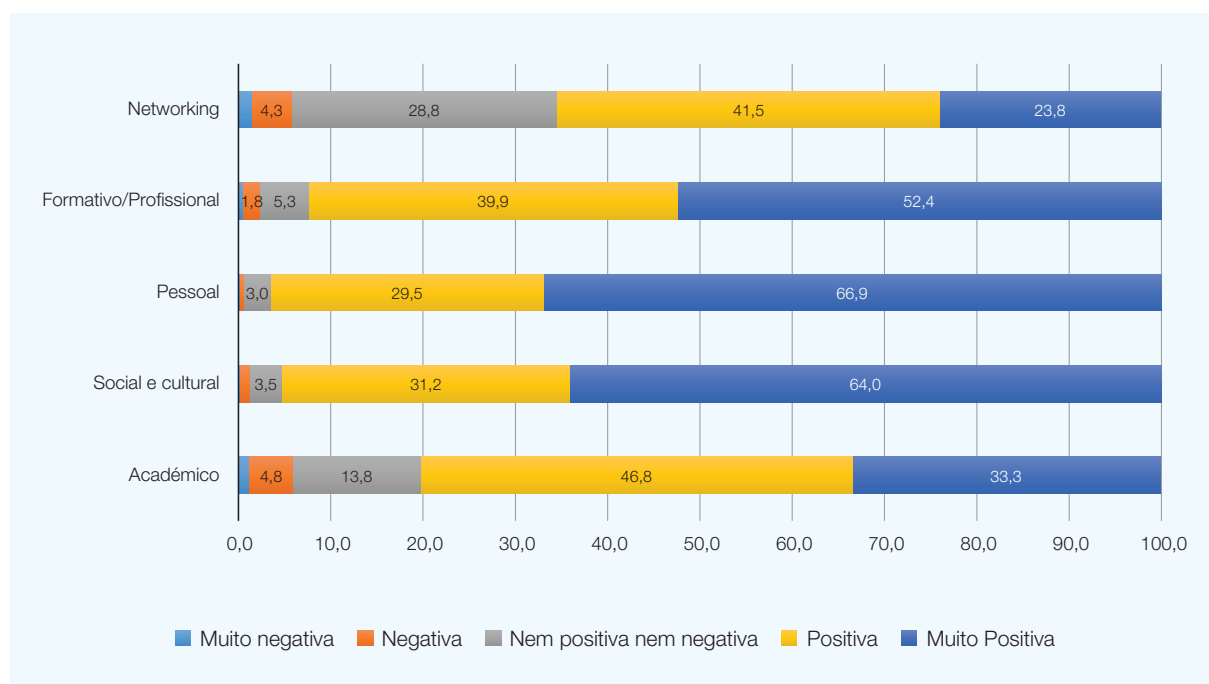
## Benefícios da mobilidade Erasmus

Cerca de 96% dos bolseiros avaliam como positiva ou muito positiva a dimensão pessoal (autonomia, autossuficiência, subsistência, autoconfiança) da sua experiência Erasmus. Segue-se para cerca de 95% a dimensão sociocultural (integração, vivências, relações interpessoais, intercâmbio cultural, experiência europeia). Apenas em terceiro lugar surgem, respetivamente para estudantes SMS e estudantes SMP, as dimensões académica (80%, qualidade do ensino, oferta curricular, conhecimentos/competências adquiridos/as) e profissional (92%, acolhimento na empresa, práticas e competências adquiridas, plano de estágio, experiência de trabalho)<sup>14</sup> (Figura 41).

De uma forma geral, os elementos mais valorizados na apreciação da experiência logo após a mobilidade parecem ser sobretudo de carácter pessoal e também sociocultural, com uma valorização média de cerca de 4,6 para ambas (para um máximo possível de 5), quer pelos bolseiros BSE-SOC, quer pelo conjunto dos estudantes Erasmus (Figura 42). Segue-se a componente formativa/profissional, com uma média de 4,4, assinalada pelos estudantes e bolseiros que realizaram uma mobilidade para estágio (SMP).

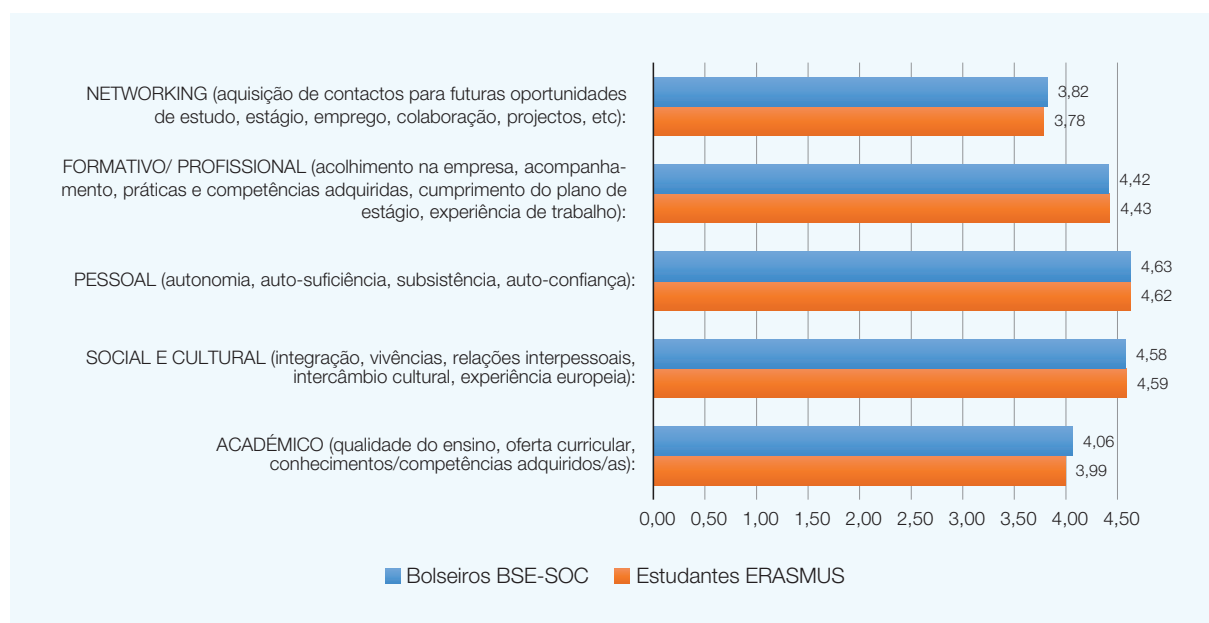
<sup>14</sup> A avaliação da experiência a nível académico é aplicada apenas a estudantes SMS (i.e. que realizaram uma mobilidade para estudo), e a avaliação da experiência a nível profissional é aplicada apenas a estudantes SMP (i.e. que realizaram uma mobilidade para estágio).

**Figura 41** Avaliação da experiência Erasmus para os bolseiros BSE-SOC (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

**Figura 42** Avaliação da experiência Erasmus para estudantes Erasmus e bolseiros BSE-SOC (média)

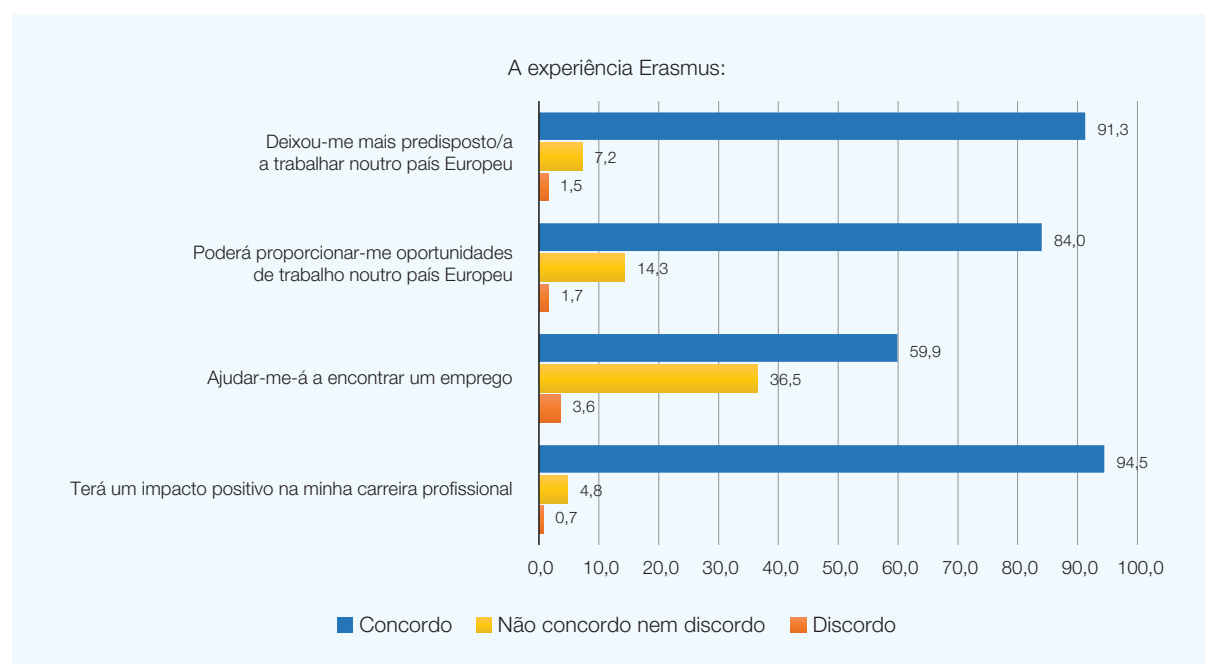


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

De acordo com o estudo realizado recentemente sobre os estágios Erasmus e Leonardo da Vinci, estes dados vão ao encontro da tese do hiato existente «entre a satisfação demonstrada imediatamente após a mobilidade [i.e., os impactos imediatos] e a que é expressa 1 a 3 anos mais tarde. No primeiro momento, observa-se uma valorização mais forte das componentes pessoais e socioculturais da experiência do que das componentes formativas e profissionais. No inquérito realizado em 2013, passado já algum tempo da experiência de mobilidade, é o contributo do estágio para o desenvolvimento formativo e profissional que é mais valorizado. Destaca-se, neste plano o forte contributo reconhecido para a melhoria do currículo individual, a aquisição de novas competências profissionais e a aquisição de autonomia na realização de tarefas»<sup>15</sup>.

Os dados apresentados na Figura 43 confirmam a importância da mobilidade nos domínios formativo e profissional, com 94% de bolseiros a considerarem que esta terá um impacto positivo na carreira profissional, designadamente com a abertura ao mercado de trabalho internacional. Cerca de 84% concorda que o Erasmus facultará oportunidades de trabalho noutro país Europeu. Quase dois terços consideram também que a experiência Erasmus contribuirá para encontrar um emprego mais facilmente.

**Figura 43** Impacto profissional da experiência Erasmus para os bolseiros BSE-SOC (%)

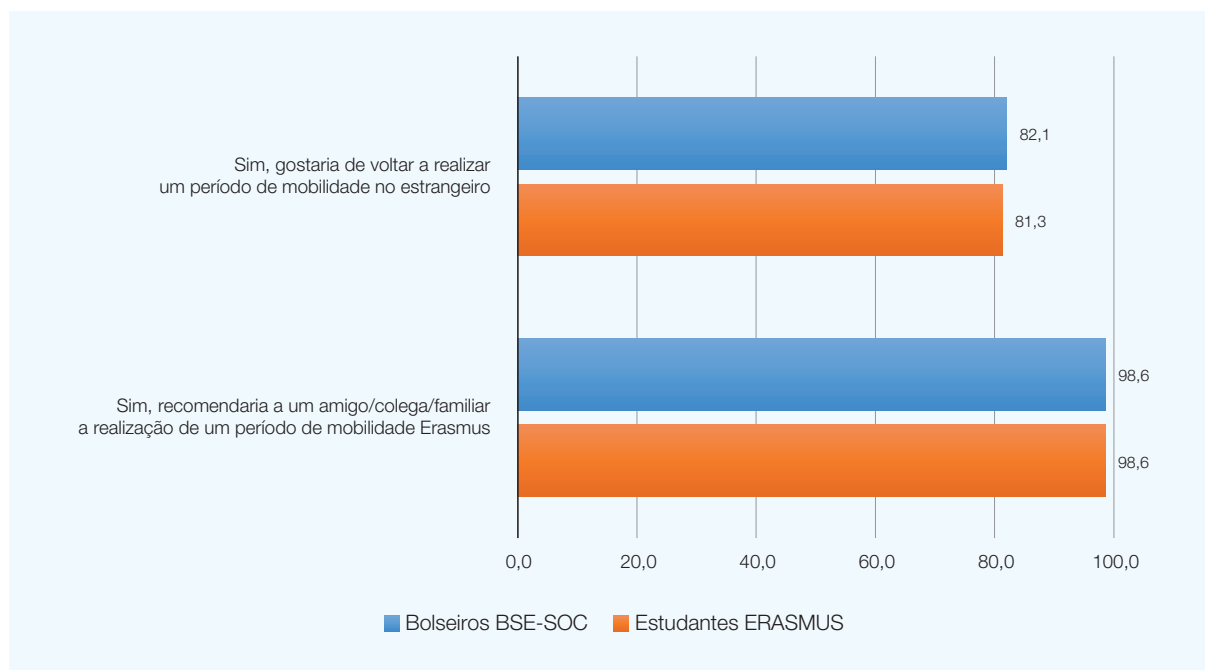


Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

Questionados se no futuro voltariam a realizar um período de mobilidade no estrangeiro, 82% dos bolseiros BSE-SOC respondem afirmativamente, e uns expressivos 99% recomendariam a um amigo, colega ou familiar a realização de um período de mobilidade Erasmus – valores muito idênticos e até ligeiramente superiores aos observados no universo de estudantes Erasmus (Figura 44).

15 Peixoto, P., Ferreira, C. (Ed.) 2013, p.13

**Figura 44** Recomendação da mobilidade Erasmus e desejo de repetir a mobilidade internacional no futuro (%)



Fonte: Relatórios Finais dos Estudantes Erasmus 2009/2010-2013/2014 (N=24.290, inclui BSE-SOC=3.245)

## Conclusões

Este primeiro balanço e avaliação da implementação das bolsas BSE-SOC no período 2009/2010 - 2013/2014, em que a Agência Nacional foi responsável pela gestão deste financiamento em articulação com a DGES, permitiu: (i) conhecer os traços distintivos do perfil do bolseiro BSE-SOC no contexto da mobilidade Erasmus; (ii) aferir os resultados positivos da execução desta medida, quer no que diz respeito ao número de bolseiros abrangidos, quer relativamente à evolução das verbas envolvidas; e (iii) confirmar a relevância da bolsa suplementar BSE-SOC no período de mobilidade dos bolseiros e o seu impacto na qualidade da experiência Erasmus.

48

O estudo apoia a hipótese de que as bolsas BSE-SOC são essenciais para reequilibrar o acesso dos estudantes do Ensino Superior socioeconomicamente mais desfavorecidos à mobilidade internacional. As respostas dos beneficiários das BSE-SOC refletem a relevância desta medida na qualidade geral da mobilidade para estudantes com dificuldades socioeconómicas. Para além de representar, para grande parte dos bolseiros, um complemento financeiro importante para a estadia no estrangeiro, constitui também fator de relevo nas opções dos estudantes relativamente à definição da sua mobilidade Erasmus – duração, país e entidade de acolhimento são variáveis influenciadas pelo acesso a este apoio.

De um modo geral, a mobilidade Erasmus é avaliada pelos estudantes de forma muito positiva nas suas diferentes dimensões, nomeadamente no que diz respeito às componentes pessoal, social, formativa e profissional. Os estudantes que receberam uma bolsa suplementar BSE-SOC não fogem a este padrão, o que revela que o apoio complementar de que beneficiam pode efetivamente contribuir para a igualdade, não só no acesso a uma experiência de estudo ou de estágio no estrangeiro, como na própria forma de vivenciar e tirar proveito dessa experiência.

O estudo evidencia a importância da ação das IES e dos seus serviços académicos e GRI, quer no apoio à mobilidade Erasmus, em articulação com a Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, quer no apoio e gestão dos processos relacionados com a atribuição das bolsas BSE-SOC, em articulação com a DGES.

Como referem vários estudos que têm sido feitos sobre os estudantes do Ensino Superior e sobre a mobilidade internacional<sup>16</sup>, este estudo sugere também que as famílias arcam com grande parte dos encargos financeiros da mobilidade Erasmus e dos bolseiros BSE-SOC. Nesta população, é também evidente o apoio institucional das bolsas da Ação Social.

Apesar do esforço de melhoria constante e do aumento regular da verba atribuída pela Comissão Europeia ao Programa Erasmus em Portugal, o valor médio da bolsa mensal dos estudantes Erasmus tem-se mantido relativamente baixo, pelo que a mobilidade se torna um encargo suplementar para as famílias. Em situações de crise económica e financeira, tal constitui um esforço adicional para orçamentos já de si limitados. Este mesmo fator tem sido referenciado pelas IES, que salientam o facto de a crise afetar as mobilidades, originar desistências, diminuir a procura e, mesmo, nalguns casos, dificultar a captação de candidatos<sup>17</sup>.

O esforço de contribuir para a mobilidade Erasmus continua e deverá continuar a ser suportado por um número significativo de famílias, na medida em que a mobilidade é encarada como um primeiro passo na emancipação e na internacionalização das carreiras dos jovens estudantes, e uma oportunidade para testar as suas capacidades num mercado laboral cada vez mais global. Dele resulta a manutenção do interesse pelo Erasmus e pelas suas potencialidades, e que o número global de mobilidades tenha aumen-

16 Entre outros, deu-se como exemplos neste estudo o Eurostudent IV; Grabher et al 2014; Machado et al 2003; Martins et al 2008. .

17 Relatórios finais das IES, 2011/ 2012 e 2012/ 2013.



tado ao longo dos anos, ainda que com oscilações pontuais. Aumentar as mobilidades Erasmus e, neste contexto, aumentar as mobilidades de estudantes com dificuldades socioeconómicas exige um empenho significativo por parte de todos os envolvidos na promoção e desenvolvimento do programa, desde as IES, às Autoridades Nacionais, passando pela Comissão Europeia e pela Agência Nacional.

Como as famílias continuam a ser a fonte primária do financiamento da mobilidade internacional dos estudantes do Ensino Superior e a mobilidade internacional é condicionada pelo contexto socioeconómico de partida, importa garantir a continuidade deste instrumento de apoio à mobilidade de estudantes com dificuldades socioeconómicas. Aumentar o número de mobilidades de bolseiros BSE-SOC passa pela revisão dos montantes de financiamento concedidos, pelo que será importante reforçar esta medida do ponto de vista orçamental para abranger um maior número de bolseiros da Ação Social.

Se por um lado o aumento das bolsas dá resposta aos apelos generalizados dos bolseiros Erasmus, por outro lado tal opção tem implicações financeiras significativas, sendo necessário chegar-se a um equilíbrio entre o número de beneficiários da medida e o montante médio atribuído em bolsa para garantir que mais estudantes com dificuldades socioeconómicas possam ter acesso a este apoio suplementar e à mobilidade Erasmus, mas também que o façam com condições mínimas que permitam manter a qualidade do período de mobilidade.

É também essencial assegurar a eficácia da sua operacionalização para mitigar a seleção social da mobilidade internacional e garantir o acesso a todos os estudantes do Ensino Superior. Do ponto de vista institucional, será importante encontrar formas de garantir o pagamento atempado das bolsas e o acompanhamento que é feito pelas IES aos bolseiros da Ação Social e BSE-SOC. Dada a centralidade das IES na gestão dos mecanismos relacionados com o acesso às bolsas e à mobilidade internacional (como os Gabinetes de Ação Social e de Relações Internacionais), importa garantir uma divulgação ampliada e sistemática da medida. Isto permitirá não só reforçar a motivação dos potenciais beneficiários, como também clarificar os critérios que regulam o acesso a este apoio, que uma percentagem significativa de bolseiros BSE-SOC revelou desconhecer.

Por último, a conjugação desta medida com outro tipo de apoios financeiros, públicos ou privados, a exemplo do que acontece noutros países participantes no Programa, permitirá melhorar a qualidade e o número de mobilidades Erasmus. A Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, com o apoio da DGES e de outras estruturas ministeriais, poderá ajudar a diversificar as fontes de financiamento das mobilidades, promovendo a sua divulgação junto de potenciais financiadores, nos quais se incluem empresas, associações empresariais, autoridades locais e regionais, fundações e outras organizações.

Em paralelo, é importante desenvolver propostas que surgem da própria Comissão Europeia, como é o caso dos Erasmus+ Master Loans<sup>18</sup>, no âmbito das quais se poderá negociar com a banca condições especiais para a mobilidade de estudantes com dificuldades socioeconómicas. Os estudantes do Ensino Superior que desejem realizar um mestrado noutro país do Programa Erasmus+ podem candidatar-se a um empréstimo, para fazer face aos seus custos, junto de instituições bancárias que tenham acordo prévio com a Comissão Europeia.

Muito haverá ainda a fazer no sentido de melhorar e otimizar a gestão deste mecanismo, para que se cumpra o seu objetivo, que é chegar a quem dele mais necessita. O caminho percorrido e o conhecimento adquirido até aqui são já passos importantes para que a mobilidade Erasmus deixe de estar só reservada a um estrato social que já tem acesso a uma progressão socioeconómica facilitada, e passe a estar mais acessível a um grupo de estudantes cujo potencial de mobilidade social é à partida mais reduzido.

18 [http://ec.europa.eu/education/opportunities/higher-education/masters-loans\\_en.htm](http://ec.europa.eu/education/opportunities/higher-education/masters-loans_en.htm)

## Bibliografia

Brandenburg, Uwe, dir., CHE Consult [et al.], (2014), The Erasmus impact study: effects of mobility on the skills and employability of students and internationalisation of higher education institutions, Study commissioned by DGEAC-European Commission, disponível em [http://ec.europa.eu/education/library/study/2014/erasmus-impact\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/education/library/study/2014/erasmus-impact_en.pdf).

EUROSTUDENT IV Database (2008-2011), disponível em <https://eurostudent.his.de/eiv/report/index.jsp?x=30&y=24>.

Grabher, A.; Wejwar, P.; Unger, M; Terzieva, (2014), Student mobility in the EHEA Underrepresentation in student credit mobility and imbalances in degree mobility, Institute for Advanced Studies, Vienna, Study commissioned by the Austrian Ministry of Science (BMWF).

HIS-Institute for Research on Higher Education, EUROSTUDENT V 2012–2015, Social and Economic Conditions of Student Life in Europe, Synopsis of indicators, Hannover, disponível em <http://www.eurostudent.eu/results/reports>.

HIS-Institute for Research on Higher Education, EUROSTUDENT IV 2008–2011, Social and Economic Conditions of Student Life in Europe, Synopsis of indicators, Hannover, disponível em [http://www.eurostudent.eu/download\\_files/documents/EIV\\_Synopsis\\_of\\_Indicators.pdf](http://www.eurostudent.eu/download_files/documents/EIV_Synopsis_of_Indicators.pdf)

HIS-Institute for Research on Higher Education, EUROSTUDENT IV 2008–2011, Social and Economic Conditions of Student Life in Europe, National Profile of Portugal, Hannover, disponível em <https://eurostudent.his.de/eiv/report/index.jsp?x=30&y=24>.

Machado, F. L.; Costa, A. F; Mauritti, R.; Martins, S.; Casanova, J. L.; Almeida, J. F., (2003), Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações, Lisboa, Revista Crítica de Ciências Sociais, 66.

Martins, SC; Mauritti, R; Costa, AF (2008), Estudantes do Ensino Superior: Inquérito às Condições Socioeconómicas, Lisboa, DGES/MCTES, Coleção Temas e Estudos de Ação Social (vol. 7).

Martins, SC; Mauritti, R; Costa, AF (2005), Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior em Portugal, Lisboa, DGES/MCTES e CIES Lisboa, DGES/MCTES e CIES.

Peixoto, P., Ferreira, C. (Ed.) (2013), Estudo de avaliação de impactos da mobilidade para estágio Erasmus e Leonardo da Vinci, Lisboa: ANPROALV e CES – Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Estudo financiado pelo QREN POAT/ FSE.



